

**SABER LOCAL DA COMUNIDADE DE PAI ANDRÉ,  
VÁRZEA GRANDE (MT): CONEXÕES PARA A  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

**ADRIANO LUIZ SANTANA**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

**CÁCERES  
MATO GROSSO, BRASIL  
2013**

**ADRIANO LUIZ SANTANA**

**SABER LOCAL DA COMUNIDADE DE PAI ANDRÉ, VÁRZEA  
GRANDE (MT): CONEXÕES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. **Germano Guarim Neto**

**CÁCERES  
MATO GROSSO, BRASIL  
2013**

Santana, Adriano Luiz.

Saber local da comunidade de Pai André, Várzea Grande-MT: conexões para a educação ambiental./Adriano Luiz Santana. – Cáceres/MT: UNEMAT, 2013.

121 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2013.

Orientador: Germano Guarim Neto

1. Etnoconhecimento. 2. Comunidade ribeirinha. 3. Educação ambiental. 4. Comunidade Pai André – Várzea Grande-MT. I. Título.

CDU: 504(817.2)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Cáceres

# **ADRIANO LUIZ SANTANA**

## **SABER LOCAL DA COMUNIDADE DE PAI ANDRÉ, VÁRZEA GRANDE (MT): CONEXÕES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Essa dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Cáceres, 13 de Março de 2013.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. **Carolina Joana da Silva**

Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

---

Profa. Dra. **Miramy Macedo**

Universidade de Cuiabá – UNIC

---

Prof. Dr. **Germano Guarim Neto**

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

(Orientador)

**CÁCERES  
MATO GROSSO, BRASIL  
2013**

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que ajudaram a construir a história da comunidade ribeirinha de Pai André, através do seu suor, da fraternidade e do amor que continuam demonstrando pela natureza que lhe serve carinhosamente de casa, que dá o alimento e une as famílias.

Ao Prof. Dr. Germano Guarim Neto por toda a confiança depositada em minha capacidade, por nos tranquilizar nos momentos difíceis dizendo que tudo daria certo e que através do seu exemplo me ensinou o sentido verdadeiro da palavra gratidão .

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Ao Programa de Pós- Graduação em Ciências Ambientais pela oportunidade do aperfeiçoamento.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela concessão da bolsa para o desenvolvimento desse estudo.

Em especial ao orientador Prof. Dr. Germano Guarim Neto que nos ensinou os caminhos das ciências ambientais, revelando os segredos e a importância do etnoconhecimento, sempre com muita humildade.

Ao Prof. Dr. Elias Renato da Silva Januário por nos orientar de forma brilhante no estágio em docência, realizado na Faculdade Indígena Intercultural da UNEMAT.

Aos professores do Mestrado em Ciências Ambientais pelos esforços e dedicação no tempo em que passamos juntos em cada disciplina.

Aos membros da Banca Examinadora de Qualificação e Defesa: Prof. Dra. Carolina Joana da Silva e Prof. Dra. Miramy Macedo por todo o carinho que nos foi dispensado e pelas valiosas contribuições para o enriquecimento do trabalho.

À toda turma do Mestrado pela oportunidade da amizade conquistada com muito respeito e carinho.

À toda Comunidade de Pai André pela acolhida generosa e por permitir adentrarmos em sua intimidade e revelar um pouco dos seus costumes e saberes.

Às pessoas entrevistadas que com muita alegria e orgulho demonstraram a satisfação de fazerem parte da história de Pai André.

Ao Ercílio Magalhães por nos introduzir na comunidade e aos amigos Antônio e Maria pela ajuda no trabalho de campo.

Aos professores e pequenos alunos da Escola Municipal Zeno de Oliveira pela vivência que será inesquecível.

À toda minha família e amigos, em especial aos meus pais Reginaldo Santana e Izilda Santana que me ensinaram a importância dos estudos e de acreditar em nosso potencial.

À minha esposa Laura e aos meus filhos João e Pedro por toda a ajuda e por serem minhas fontes de inspiração.

À Deus pela oportunidade da vida.

Obrigado

## SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE FIGURAS

RESUMO

ABSTRACT

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Conhecimento tradicional, saber local e meio ambiente .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Comunidades ribeirinhas .....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 Sustentabilidade ambiental .....</b>	<b>15</b>
<b>1.4 Educação ambiental em comunidades ribeirinhas .....</b>	<b>18</b>
<b>2. OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>19</b>
<b>3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....</b>	<b>20</b>
<b>4. OS ESPAÇOS DA PESQUISA .....</b>	<b>20</b>
<b>4.1 O município de Várzea Grande: breve caracterização.....</b>	<b>20</b>
<b>4.2 A Comunidade de Pai André: história e atualidade .....</b>	<b>22</b>
<b>4.3 O rio Cuiabá e a sua importância para os ribeirinhos .....</b>	<b>38</b>
<b>5. MATERIAL E MÉTODOS .....</b>	<b>40</b>
<b>5.1 Área de estudo .....</b>	<b>40</b>
<b>5.2 Procedimento metodológico.....</b>	<b>43</b>
<b>6. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>6.1 Perfil dos informantes .....</b>	<b>45</b>
<b>6.1.1 Dados sobre o sexo dos informantes .....</b>	<b>45</b>
<b>6.1.2 Faixa etária dos informantes.....</b>	<b>46</b>
<b>6.1.3 Naturalidade dos moradores.....</b>	<b>46</b>
<b>6.1.4 Tempo de residência na comunidade .....</b>	<b>48</b>
<b>6.1.5 Escolaridade dos informantes .....</b>	<b>49</b>
<b>6.1.6 Atividade profissional dos entrevistados .....</b>	<b>50</b>
<b>6.1.7 Renda familiar dos informantes.....</b>	<b>51</b>
<b>6.2 Saber local da comunidade de Pai André .....</b>	<b>52</b>

6.2.1 O universo da flora: os recursos vegetais.....	52
6.2.2 O universo da fauna.....	63
6.2.3 Os quintais.....	69
6.3 O peixe e a atividade pesqueira.....	76
6.4 Aspectos culturais.....	83
6.5 Percepção ambiental da comunidade.....	94
<b>7. CONHECIMENTO AMBIENTAL REVELADO PELA COMUNIDADE PROPÍCIO PARA A PRÁXIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>99</b>
<b>8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>111</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>119</b>

## LISTA DE TABELA

Tabela 1: Plantas citadas pelos moradores da comunidade de Pai André com seus nomes populares (etnoespécies), famílias/espécies e categorias de uso .....	50
---	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação dos Mamíferos citados pela comunidade.....	66
Quadro 2: Animais domésticos.....	67
Quadro 3: Aves percebidas pela comunidade na região.....	67
Quadro 4: Répteis citados pela comunidade.....	69
Quadro 5: Ictiofauna percebida pela comunidade .....	78

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Município de Várzea Grande- MT-Brasil .....	21
Figura 2- Vista do Morro de Santo Antônio –“ MORRINHO” .....	25
Figura 3 – Vista parcial da avenida principal de Pai André-VG.....	25
Figura 4 - Caldeira do antigo alambique .....	32
Figura 5 - Aspecto de parede feita de tijolão.....	34
Figura 6 – Vista da Escola Vereador Zeno de Oliveira.....	35
Figura 7 - Dona Roxa e a sogra limpando peixe .....	37
Figura 8 - Localização da comunidade de Pai André .....	42
Figura 9 - Distribuição percentual do gênero dos informantes .....	45
Figura 10 - Percentual da faixa etária dos entrevistados de Pai André.....	46
Figura 11 - Estados de origem dos entrevistados .....	47
Figura 12 - Cidade de origem dos mato-grossenses.....	48
Figura 13 - Tempo de residência dos entrevistados de Pai André .....	49
Figura 14 - Grau de escolaridade dos entrevistados de Pai André .....	50
Figura 15 - Atividade profissional dos informantes.....	51
Figura 16 - Percentual da renda familiar dos entrevistados de Pai André.....	51
Figura 17 - Famílias botânicas mais representativas .....	53
Figura 18 - Representatividade das categorias de uso .....	60
Figura 19 - Criação de galinha do Sr. Davino Manoel.....	71
Figura 20 - Criação de porcos, prática comum.....	72
Figura 21 - Plantas ornamentais cultivadas em frente a casa.....	72
Figura 22 - Canoa servindo de canteiro .....	73
Figura 23 - Pequena roça em frente à casa do Sr. Lili .....	75
Figura 24 - Tanque de peixes no quintal do Sr Nelson O. Magalhães .....	81
Figura 25 - Pescadora mostrando a riqueza do rio Cuiabá.....	82

Figura 26 - Habilidade nata do pescador .....	82
Figura 27 - Primeiro templo de oração de Pai André .....	84
Figura 28 - Convite para festa da padroeira .....	85
Figura 29 - Procissão convidando os fiéis para a missa .....	86
Figura 30 - Procissão chegando à Igreja .....	86
Figura 31 – Levantamento do mastro.....	87
Figura 32 - Emoção na festa com a chegada da Santa- Imaculado Coração de Maria .....	87
Figura 33 – Sr. Adelino mostrando o artesanato que desenvolve .....	88
Figura 34 - Time Comercial de Pai André- década de 80 .....	89
Figura 35 - Meninos brincando de bola.....	89
Figura 36 - Cemitério localizado a 3 km da vila de Pai André .....	93
Figura 37 - Reportagem aponta água do rio em Pai André imprópria para banho. ....	95
Figura 38 - Enchente de 2007 : pesqueiro do Vivi .....	96
Figura 39 - Draga móvel em atividade no rio Cuiabá .....	97
Figura 40 - História contada pela TV Natureza .....	104
Figura 41 - Natureza : um tema que gostam de trabalhar.....	105
Figura 42 - Paisagem construída por todos .....	106
Figura 43 - Trabalho realizado: é hora de contemplar .....	107
Figura 44 - Falando sobre a importância da coletividade.....	109
Figura 45 - Unidos em um mesmo ideal .....	110

## RESUMO

SANTANA, Adriano Luiz . **Saber local da comunidade de Pai André, Várzea Grande (MT): conexões para a educação ambiental.** Cáceres: UNEMAT, 2013. 121 p. ( Dissertação- Mestrado em Ciências Ambientais)<sup>1</sup>

As variadas transformações que vêm ocorrendo na sociedade envolvendo as questões socioambientais remetem para uma reflexão sobre os fatores que têm levado a perda dos valores tradicionais adquiridos de forma empírica, através do saber popular, ao longo dos tempos. Para se manter a riqueza da diversidade biológica e cultural de uma comunidade se faz necessário o registro da história e dos costumes de forma que seja reforçada a sua importância na construção de mecanismos que garantam a conservação e a manutenção dos saberes locais e tradicionais. O presente trabalho teve por objetivo o desenvolvimento de uma pesquisa que revelasse o conhecimento sobre o saber local da comunidade ribeirinha de Pai André, no município de Várzea Grande, Mato Grosso, para evidenciar as conexões com a Educação Ambiental em comunidades ribeirinhas. Foram entrevistados 22 moradores categorizados, escolhidos através da técnica da bola-de-neve e a coleta de dados do trabalho foi conduzida entre os meses de outubro de 2011 a outubro de 2012. O método utilizado na pesquisa foi o qualitativo, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas por intermédio de formulário contendo perguntas abertas e fechadas. O estudo aponta o perfil socioeconômico dos entrevistados e permite conhecer o saber local e a percepção ambiental da comunidade de Pai André, fornecendo importantes dados a cerca dos aspectos culturais, fauna, flora e ambientes de vivência, como o rio Cuiabá, a mata ciliar, os quintais e as demais áreas terrestres. Portanto, os subsídios gerados nesse trabalho auxiliam a compreender as possíveis causas dos impactos ambientais negativos que vêm ocorrendo no meio ambiente e a sua relação com as interferências antrópicas, podendo ainda ser utilizados na prática da Educação Ambiental como instrumento para a proteção dos recursos naturais e do saber tradicional que é repassado de geração para geração, indicando meios que promovam a melhoria da qualidade de vida da comunidade a partir de alternativas ecologicamente corretas.

**Palavras-chave:** Etnoconhecimento; Comunidade ribeirinha; Educação Ambiental

---

<sup>1</sup> Orientador – Prof. Dr. Germano Guarim Neto. IB – Departamento de Botânica e Ecologia. Universidade Federal de Mato Grosso. Credenciado no Programa de Pós – Graduação em Ciências Ambientais/ UNEMAT.

## ABSTRACT

SANTANA, Adriano Luiz. **Local knowledge of the community of Pai André, Várzea Grande, Mato Grosso state, Brazil: connections for the environmental education.** Cáceres: UNEMAT, 2013. 121 p. (Dissertation-Master in Environmental Sciences)<sup>2</sup>

The various transformations occurring in society involving environmental issues refer to a discussion about of the factors that have led to loss of traditional values acquired empirically, through popular knowledge, over time. To maintain the richness of biological and cultural diversity of a community it is necessary register the history and customs so that it reinforces their importance in the construction of mechanisms to ensure the conservation and maintenance of local and traditional knowledge. This study aimed to develop a survey to reveal the knowledge about the local knowledge of the riverside community of Pai André, in the municipality of Várzea Grande, Mato Grosso state, Brazil, to highlight the connections with the Environmental Education in the riverside communities. A total of 22 residents categorized were interviewed chosen by the technique of snowball sampling, and the data collect of work was conducted between the months of October 2011 to October 2012. The method used in the research was qualitative, with the application of semi-structured interviews through questionnaire containing open and closed questions. The study highlights the socioeconomic profile of respondents and lets meet local knowledge and environmental awareness in the community of Pai André, providing important data about the cultural aspects, fauna, flora and living environments, as the Cuiabá River, riparian vegetation, the backyards and other land areas. Therefore, subsidies generated in this study help to understand the possible causes of the negative environmental impacts that have occurred in the environment and their relationship to human interferences, and can be used in the practice of environmental education as a tool for protection of natural resources and traditional knowledge that is transmited from generation to generation, indicating ways that promote the improvement of the quality life of community from ecologically correct alternatives.

**Key words:** Ethnoknowledge; Riverside Community; Environmental Education.

---

<sup>2</sup> Advisor: Prof. Dr. Germano Guarim Neto – Federal University of Mato Grosso/Accredited of University of the state of Mato Grosso. .

## **1. INTRODUÇÃO**

O tema a ser abordado nesta Dissertação remete para reflexões profundas e necessárias - que valorizam o conhecimento de comunidades humanas instaladas tradicionalmente em regiões diversas - sobre o meio ambiente e revelam ainda aspectos de interesse para todos aqueles que de uma maneira ou outra têm sensibilidade para entender que as relações que se estabelecem entre seres humanos, meio ambiente e recursos naturais são legados que se originam nos ancestrais e chegam até a contemporaneidade.

Dessa forma esta introdução está dividida em partes entendidas como necessárias para a compreensão do texto total, nas suas nuances e meandros onde o caminho percorrido na comunidade e com as pessoas foi fértil e rico de informações e de aprendizado.

### **1.1 Conhecimento tradicional, saber local e meio ambiente**

A investigação científica acerca do etnoconhecimento, quando contemplada a transmissão do conhecimento de geração para geração, consegue penetrar no universo da comunidade estudada e apreender a essência dos seus valores tradicionais que são revelados através da percepção ambiental adquirida no cotidiano. Toda a evolução e consequente transformações ocorridas, impactos ambientais, positivos e negativos, bem as influências externas que uma comunidade sofre, estão refletidas em seu modo de viver, da mesma forma que a busca de alternativas para a melhoria da qualidade de vida devem contemplar a sua identidade cultural e os traços construídos ao longo dos tempos.

O estudo dos saberes do Outro sobre a Natureza é um exercício difícil, que explicita melhor a transformação das relações com a natureza na sociedade do observador, do que na sociedade observada (ROUÉ,2000).

De acordo com Malinowski (1990), o pesquisador deve ter o objetivo de apreender o ponto de vista do integrante da comunidade, sua

relação com a vida e como compreende o mundo em que habita. Devemos estudar o homem e devemos estudar o que mais intimamente lhe diz respeito, isto é, a imposição que lhe faz a vida. Segundo Geertz (2006), para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do “eu”.

As populações tradicionais não só convivem com a biodiversidade, mas nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. A biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural e do cultural, mas é a cultura como conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, frequentemente, enriquecê-la(DIEGUES, 2000).

Uma grande porção de biodiversidade se encontra em lugares onde as pessoas têm morado há muitas gerações, utilizando os recursos de seu meio ambiente de uma maneira sustentável (PRIMACK e RODRIGUES, 2001).

Nas últimas décadas desenvolveram-se bem mais as pesquisas sobre os chamados “povos tradicionais”, numa perspectiva interdisciplinar, construindo assim interfaces entre as ciências sociais e as ciências da natureza. Reconhecem-se esses saberes e as formas de manejo a eles pertinentes como fundamentais na preservação da biodiversidade. Tornou-se extremamente importante para intervir na crise ecológica, conhecer práticas e representações de diferentes grupos, pois eles conseguiram, ao longo do tempo, elaborar um profundo conhecimento sobre ecossistemas, conhecimento que lhes garantiu até hoje a reprodução cultural (CASTRO, 2000).

Conhecimento tradicional pode ser definido como saber e o saber-fazer, a respeito do mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial e transmitidos oralmente de geração em geração (DIEGUES, 2000).

No Brasil os estudos em Ecologia Humana mais frequentemente têm sido relacionados com populações indígenas em especial às ocorrentes na Amazônia, que incluem ecologia cultural, etnoecologia, em menor escala,

modelos de subsistência. Também se destaca estudos sobre caboclos, pescadores, pantaneiros, ribeirinhos, imigrantes e quilombolas (GUARIM NETO e MACIEL, 2008).

A capacidade do homem de transformar suas relações com a natureza, ao mesmo tempo que transforma a própria natureza, esteve orientada por uma tendência de privatização de um bem, em princípio, patrimônio de todos. Um caminho de legitimação da propriedade privada do território assim como de aproveitamento de seus recursos (CASTRO, 2000). De acordo com Geertz (1989), a compreensão da cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade.

A riqueza do conhecimento popular gerado ao longo dos tempos, e repassado oralmente através das gerações é muito grande, porém é preciso atentar ao fato de que muito do que será transmitido no futuro, está sendo fundamentado e testado de forma empírica atualmente (GUARIM NETO et al. 2008).

## **1.2 Comunidades ribeirinhas**

O ribeirinho é a população que vive à beira dos rios, com maior identificação com a água do que com a terra, e com a atividade predominantemente pesqueira, apoiada pela agricultura de várzea e de terra firme. Ribeirinhos, em termos locais, se opõe à categoria pantaneiro, que mais que uma ligação com o espaço geográfico, descreve a condição socioeconômica ligada à pobreza. Mas há que salientar que muitos dos chamados ribeirinhos, quando encontram terras disponíveis nas áreas alagáveis, são na verdade, pantaneiros, no sentido da localização geográfica e pela percepção que tem do ambiente (SILVA e SILVA, 1995 pag. 2).

Segundo Fraxe (2004), existe entre as atividades do ribeirinho uma correlação estreita, e todas elas representam, no conjunto, síntese

adaptativa da vida econômico-social de tal forma que as atividades do grupo e o meio em que elas se inserem formam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde a cultura e a natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma só realidade.

Os ribeirinhos, seres humanos instalados às margens dos rios, desenvolvem, permanentemente, uma estreita relação com o ambiente, a qual manifesta-se numa intensa interação. Isto pode ser revelado em diversos aspectos do cotidiano em relação à conservação do solo, da água, da fauna e da flora que caracterizam a condição sociocultural de comunidades tradicionais (GUARIM, 2005).

As comunidades ribeirinhas são constituídas por grupamentos humanos, cujas habitações dispersas estão linearmente distribuídas ao longo das margens do rio. As casas simples, muitas delas de barrote estão alinhadas formando uma pequena rua onde circulam pedestres ciclistas, animais e automóveis (FERREIRA, 1999).

### **1.3 Sustentabilidade ambiental**

O ser humano desde há muito tempo tem sido parceiro e adversário de uma natureza, da qual faz parte, atuando desde os primórdios como agente modificador (GUARIM NETO e MACIEL, 2008).

Até pouco tempo atrás, eram as comunidades locais que usavam, desenvolviam e preservavam a diversidade biológica, que eram as guardiãs da riqueza biológica deste planeta. É o seu controle, o seu saber e os seus direitos que precisam ser fortalecidos se quisermos que a preservação da biodiversidade seja real e profunda. Esse fortalecimento tem de ser feito por meio da ação local, da ação nacional e da ação global (SHIVA, 2003).

Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em

nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores (CAPRA, 1996).

O encontro entre o tradicional e o moderno gera resistência às mudanças, se apresentando de forma conflituosa. É fundamental uma discussão na busca por propostas adequadas para que sejam solucionados os problemas ambientais e levando em consideração a possibilidade do desenvolvimento ambientalmente e socialmente sustentável como forma de amenizar a degradação ambiental (JANUÁRIO, 2006).

Os problemas ambientais se manifestam em nível local. Em muitos casos, os residentes de um determinado local são, ao mesmo tempo, causadores e vítimas de parte dos problemas ambientais. São também essas pessoas quem mais têm condições de diagnosticar a situação. Convivem diariamente com o problema e são, provavelmente, os maiores interessados em resolvê-los (MARCATTO, 2002).

Na vivência do cotidiano, o ser humano é compelido a modificar o seu comportamento valorizando os espaços naturais, quando as consequências negativas de suas ações o atingem diretamente, alterando suas atitudes (PEREIRA e GUARIM NETO, 2009).

Segundo Thiago e Januário (2011), os problemas socioambientais enfrentados pelo mundo, podem ser minimizados através do conhecimento de comunidades tradicionais que consideram o meio ambiente como parte significativa do seu sistema cultural e elemento à sobrevivência da comunidade, mantendo um respeitoso relacionamento.

Para Guarim (2000) a sustentabilidade ambiental, principalmente de comunidades ribeirinhas, desenvolveu-se por meio de comportamentos éticos, nos seus aspectos culturais, mantendo uma preocupação na conservação e preservação da vida e do ambiente .

De acordo com a Declaração do Milênio das Nações Unidas que aconteceu em setembro do ano de 2000, 189 nações firmaram um compromisso para combater a extrema pobreza e outros males da sociedade o que acabou resultando nos 8 Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) e que por sua vez deverão ser alcançados até o ano de 2015 (PNUD, 2012).

O ODM de número 7 vem a ser justamente o de garantir a Sustentabilidade Ambiental através do cumprimento de metas que vão desde a integração dos princípios do desenvolvimento sustentável nas políticas e programas sociais, redução da perda de diversidade biológica, redução da proporção da população sem acesso permanente e sustentável a água potável segura e esgotamento sanitário, até a melhoria significativa nas vidas de habitantes de bairros degradados (PNUD, 2012).

Ainda segundo o PNUD (2012), a conquista da qualidade de vida e o respeito ao meio ambiente representam um desafio complexo que o Brasil vem enfrentando e terá que sanar, ainda mais levando em consideração que o ODM 7 traz consigo questões que necessitarão de grande investimento como é o caso da universalização do acesso à água potável e serviços de saneamento básico.

Os esforços que a sociedade vem desenvolvendo de modo geral em prol da manutenção dos recursos naturais, que representam um bem comum torna-se necessário ampliar os horizontes de percepção acerca do modelo ideal para se alcançar os objetivos globais e locais de desenvolvimento, onde Ferreira (2005) p.319, destaca que uma sociedade sustentável é aquela que mantém o estoque de capital natural ou compensa pelo desenvolvimento do capital tecnológico uma reduzida depleção natural, permitindo assim o desenvolvimento das gerações futuras. Numa sociedade sustentável o progresso é medido pela qualidade de vida( saúde, longevidade, maturidade psicológica, educação, ambiente limpo, espírito comunitário e lazer criativo) ao invés de puro consumo material.

O uso contínuo do conceito de desenvolvimento sustentável alerta para a necessidade de se refletir sobre o desenvolvimento como um processo assegurador de sobrevivência em relativas condições, garantindo uma qualidade de vida no tempo e no espaço, o qual suporta a relação que deve existir entre o homem como membro de uma sociedade, seu desenvolvimento econômico e seu ambiente natural (GUARIM, 2000).

#### **1.4 Educação ambiental em comunidades ribeirinhas**

O conceito de Educação Ambiental está calcado na concepção totalizadora de uma Educação que vise preparar as pessoas para uma vida com qualidade, enquanto membro do planeta. É disponibilizar conhecimentos que favoreçam o gerenciamento das relações entre a sociedade humana e o ambiente de forma integrada e sustentável (PEREIRA e GUARIM NETO, 2009).

A Educação Ambiental segundo Reigota (1994), reivindica e prepara os cidadãos para exigir justiça social, cidadania nacional e planetária, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza, devendo ser entendida como educação política.

De acordo com Pelicioni (2004), a Educação Ambiental, como processo de educação política busca formar para que a cidadania seja exercida e para uma ação transformadora, a fim de melhorar a qualidade da vida da coletividade. A abordagem sociocultural permite que a ação pró-ativa e transformadora, proposta pela educação ambiental, se efetive, já que implica em formação para uma reflexão crítica.

O papel da Educação Ambiental deve ser, sobretudo, de orientação e alerta para a maneira como o ser humano abre seus caminho ( PEREIRA e GUARIM NETO, 2009).

A Educação Ambiental, busca não só a conservação dos meios naturais, mas a valorização dos seres que neste meio vivem, desde valorizar sua importância social a respeitar sua cultura, porém muitas vezes a Educação Ambiental é trabalhada visando apenas à conservação dos recursos naturais, e é esquecida a interação ser humano, natureza e sociedade (MARQUES et al., 2010).

As trocas de conhecimento sobre o meio ambiente ocorrem em sua grande maioria, nos processos educativos em comunidades tradicionais, através da educação informal (THIAGO e JANUÁRIO, 2011).

O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar (GOHN, 2005).

A educação contemporânea precisa ser pensada levando-se em conta as transformações sociais, culturais e subjetivas de nossa era, buscando alternativas para a práxis educativo-social em relação ao meio ambiente, visando a construção de uma consciência ambiental (PEREIRA e GUARIM NETO, 2009).

Por meio da Educação Ambiental, ações locais podem ser exercitadas, no âmbito da conectividade entre populações, ambiente e flora. É o conhecimento não-escolarizado propiciando a inserção nos espaços escolarizados (GUARIM NETO, 2006).

## **2. OBJETIVO GERAL**

Revelar o saber local da Comunidade ribeirinha de Pai André, ressaltando a importância da manutenção dos valores da comunidade, para que possibilitem ações de Educação Ambiental.

### **3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Identificar as relações entre a comunidade e o meio ambiente e os saberes que apresenta.
- Revelar a história da comunidade bem como pontuar as mudanças ocorridas através dos tempos.
- Apresentar o manancial do saber local sobre os recursos vegetais.
- Promover reflexões que estimulem a prática da Educação Ambiental na comunidade de Pai André.

### **4. OS ESPAÇOS DA PESQUISA**

#### **4.1 O município de Várzea Grande: breve caracterização**

O município de Várzea Grande (Figura 1), tem como limites os municípios de Cuiabá, Santo Antônio do Leverger, Nossa Senhora do Livramento, Jangada e Acorizal. Localizada nas coordenadas de 15°32'30" latitude sul e 56°17'18" longitude oeste. Possui uma extensão territorial de 949,53 km<sup>2</sup>. É Situada no relevo Baixada do Rio Paraguai e calha do Rio Cuiabá, topograficamente, aos 185 m de altitude, Várzea Grande pertence a Baixada Cuiabana ou Periplanície Cuiabana (FERREIRA, 1997).



**Figura 1** - Localização do Município de Várzea Grande-MT-Brasil

(Fonte: pt.wikipedia.org)

Os testemunhos geológicos indicam que o município tem origem na Faixa Móvel Brasileira, que foi retrabalhada nas coberturas dobradas do Proterozóico, Grupo de Cuiabá. Várzea Grande é município banhado pelo rio Cuiabá, contribuinte da Grande Bacia do Prata. O rio Cuiabá faz limite com o município de Cuiabá e recebe, pela margem direita, a contribuição de ribeirões. Entre todos, sobressai-se o ribeirão Pari, que corta o município, aproximadamente ao meio, de oeste a leste (FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS, 1991).

Possui clima classificado como tropical quente e sub-úmido com precipitações de 1.750 mm, com maior intensidade em dezembro, janeiro, fevereiro e março onde a temperatura média anual é de 24°C com a máxima atingindo os 42°C e mínima desce a 0°C (FUNDAÇÃO JULIO CAMPOS, 1991).

A Várzea Grande do final do século XX e primeira década do século XXI, é uma cidade que possui significativo parque industrial, abrigando grandes empresas industriais do Ramo Frigorífico, mantendo sua grande tradição de exportação de carne (TAVARES, 2011).

O município de Várzea Grande possui uma população de 252.709 mil habitantes (IBGE, 2010).

Apresenta no IDEB 2011 o índice de 4,7 (média nacional 4,7) para os anos iniciais (1º ao 5º anos) e de 4,0 (média nacional 3,9) para os anos finais (6º ao 9º anos) (INEP, 2011).

O IDH do Brasil é de 0,718, considerado desenvolvimento humano alto. Várzea Grande possui o IDH 0,790, ocupando a 816ª posição no cenário nacional e no Estado ocupa a 15ª posição (PNUD, 2000).

#### **4.2 A Comunidade de Pai André: história e atualidade**

No passado essas terras foram habitadas por etnias silvícolas, com destaque para a grande Etnia Guanús, que eram compostas por diversos grupos que somavam uma população de cinco a seis mil membros, unidas em seus aldeamentos nas proximidades de onde se localiza Corumbá (antigo: Albuquerque), na margem direita do rio Cuiabá, em áreas da atual Várzea Grande, sul de Nossa Senhora do Livramento, cercanias de Santo Antônio de Leverger (TAVARES, 2011).

Eram considerados silvícolas pacíficos e hospitaleiros, sendo os Guanús especialistas em navegação em pirogas no rio Cuiabá, onde foram canoeiros hábeis e laboriosos e ainda se destacando pela sabedoria com que fabricavam redes (TAVARES, 2011).

Ao se iniciar o ano de 1967, as terras onde hoje se localiza a cidade de Várzea Grande, o distrito de Bonsucesso, Guarita, Passagem da Conceição, Manga, de São Gonçalo e Porto Velho compreendiam as

sesmarias de Capão do Pequi, do Bonsucesso, de São Gonçalo, de Passagem da Conceição, da Chácara São João e uma grande parte de terras devolutas, na maioria chapadões e cerrados com alguns capões de modesta densidade . À margem direita do rio Cuiabá, na orla ribeirinha que, em hemicírculo, se estendia da boca do ribeirão Pari até a Praia Grande, a vegetação melhorava nos lugares onde os afluentes desembocavam no histórico Rio das Bandeiras. Somente depois de século e meio da sua descoberta Várzea Grande foi fundada, tendo como motivo a guerra do Paraguai, a partir de maio de 1867. Serviu como campo de concentração de prisioneiros paraguaios e abrigo de remanescentes das nossas tropas do norte mato-grossense onde nessa mesma data, Antônio Maria Coelho iniciava com as tropas brasileiras sua vitoriosa jornada para a reconquista de Corumbá (MONTEIRO, 1987).

Pequeno povoado entre Praia Grande e Bonsucesso, Pai André situa-se à margem do rio Cuiabá, em frente ao “Morrinho”, como é mais comumente chamado o morro de Santo Antônio (Figura 2). Seu surgimento se deve ao fato de, no município de Santo Antônio do Leverger, margem esquerda do rio, o povoado do “Morrinho” não ter progredido porque sua área junto à margem era baixa, alagadiça e insalubre. Restava então a margem direita, em Várzea Grande, com a barranqueira mais elevada, motivo por que a gente de “Morrinho” foi se transferindo para o lugar que tomou o nome de Pai André. Com essa gente, foram chegando moradores de Praia Grande, de Capela do Piçarrão e de Bonsucesso, até formar o povoado (Figura 3), que, presume-se, recebeu o nome de Pai André porque ali vivera, antes, um velho negro conhecido por esse apelido (MONTEIRO, 1987) .

Muitos são os relatos sobre a origem do nome Pai André e a maioria converge para um imaginário coletivo de um velho negro e bondoso que por lá viveu mas também há aqueles que sustentam versões mais particularizadas contribuindo assim para que essa questão ganhe um ar de “mistério” e enredo esse que já fez até parte de um romance, escrito pelo historiador Ubaldo Monteiro, chamado “Flôr de pequi”, onde o mesmo dá sua versão poética para o fato. Podemos notar a controvérsia nas falas dos moradores:

*“ A origem do nome se acredita devido o local ter descendentes de escravos ..... aqui tem bastante descendente de escravo...”*

*(Moradora, 54 anos)*

*“ Pai André foi chamado porque tinha um negro velho que era feio demais, por isso que queriam trocar .... já bastante gente quis trocar por causa disso , era demais de feio que andava por aqui e ele chamava André, falava André pra ele.... ai só depois que ele apoiou nesse barraco ai.... era índio bororo...”*

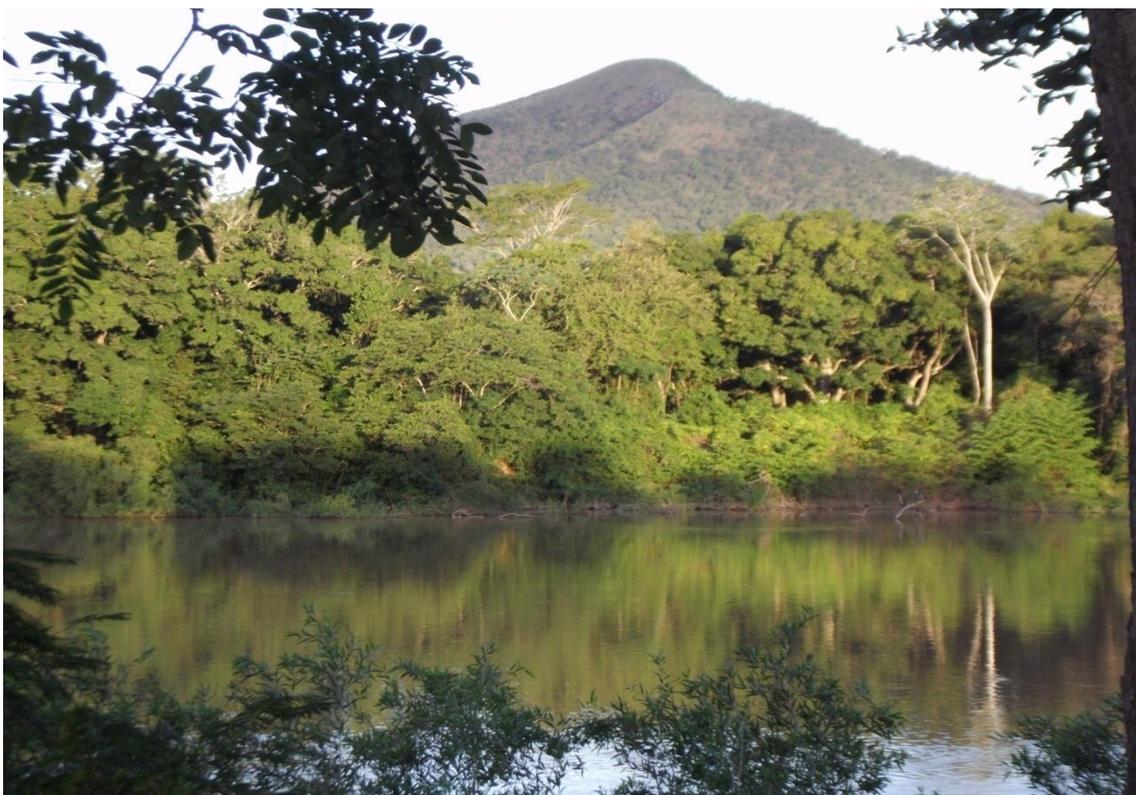
*(Morador, 87 anos)*

*“ Os mais antigos me diziam que aqui tinha um senhor que se chamava André... ele era de idade e as pessoas consideravam ele como um pai...”*

*(Moradora, 63 anos)*

*“ Ganhou nome porque tinha um negro da colônia de escravos... do outro lado do rio que era a estrada... chamou de Pai André porque ele era pai de santo... ele curava agente...”*

*(Morador, 67 anos)*



**Figura 2-** Vista do Morro de Santo Antônio –“ MORRINHO”  
(Fonte: SANTANA, 2011)



**Figura 3 -** Vista parcial da avenida principal de Pai André- VG  
(Fonte: SANTANA, 2011)

De acordo com as lembranças do Sr. Davino morador à 60 anos, nascido na comunidade, o mesmo fala com saudade de sua avó, D.Rita, que viveu no vilarejo e era conhecida pelos partos que realizava bem como da maneira que conduzia sua família ordeira e unida e acrescenta que para tirar o sustento, era necessário um trabalho árduo e para isso atravessavam o rio Cuiabá onde na margem esquerda dividiam-se entre as atividades de cultivo de pequena lavoura, nos 2 engenhos que a família possuía e ainda na atividade de pesca.

Ao todo do outro lado do rio (margem esquerda), haviam 7 engenhos para a produção de rapadura e uma grande área ao longo da margem para o cultivo de vegetais como podemos citar a abobrinha (*Cucurbita pepo* L.), banana-nanica (*Musa cavendishii* L.), banana-terra (*Musa paradisiaca* L.), berinjela (*Solanum melongena* L.), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), cebolinha (*Allium fistulosum* L.), coentro (*Coriandrum sativum* L.), couve (*Brassica oleracea* L.), mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), milho (*Zea mays* L.), pimentão (*Capsicum annuum* L.), quiabo (*Abelmoschus esculentus* (L.) Moench.), repolho (*Brassica oleracea* var. capitata L.) e salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Nymam ex H. W.Hill.) .

Os meios de transportes eram rústicos, os percursos aconteciam a pé, de carroça, montado à cavalo, de canoa até a chegada dos primeiros automóveis, como fica evidenciado nos dizeres do Sr. Davino :

*“ ...cada família tinha o engenho e a plantação...tirava a produção de canoa...travessava pra cá e aí ia levava pra Cuiabá de carro de boi...charrete, carro só apareceu depois....o pessoal que não tinha levava de canoa... eu mesmo cheguei de ir com um primo meu duas vezes... subimos de canoa com as coisa que produzia.... nós saia daqui umas meia noite e ia amanhecer lá as cinco da manhã.....vendia tudo, fazia umas comprinha e saia de lá uma base de sete hora quando era onze tava aqui em casa....” .*

(Sr. Davino, 60 anos)

Um dos traços que configuram a formação da comunidade estudada foi a migração de várias famílias das regiões próximas para localidade como podemos citar Santo Antônio de Leverger, iniciando uma nova vida cheia de esperança para o futuro como era o caso de algumas pessoas recém casadas. Dona Maria Silva é um exemplo que representa bem essa parte da história de Pai André, pois saiu de “Santo Antônio” na década de 50 após se casar e iniciou na vila uma nova jornada em sua vida. Hoje com 81 anos de idade, mãe de 9 filhos, já viúva, nos narra com saudades um pouco do bem viver daquela época e faz um paralelo pontuando algumas mudanças com o passar dos tempos :

*“ As casas eram de pau-a-pique barreado com barro...”*

*“Algumas famílias tinham engenho do outro lado do rio que faziam rapadura para vender... “*

*“A canoa subia com quiabo, couve e carregada de rapadura e descia com mercadoria . Passavam no salgadeiro pra comprar carne, bucho e outros alimentos pra trazer”*

*“Andavam de charrete ...canoa....”*

*“ Agora ta tendo água, antes puxava com lata na cabeça..”*

*“ A sobrevivência do povo é o rio...é do rio que lava roupa .....sai o peixe.....”*

*“Já pesquei muito, só na piracema que não, agente até esquece de vim embora. Na canoa era eu e meu netinho.....”*

*“Na subida de lambari nós fazia óleo.....”*

*“ A praia que tinha ai acabou....”*

*“ ... eu que plantei esse jucá ai.....”*

*“ .....hoje mudou para melhor, chegou luz, televisão e ônibus...antes era na lamparina, na vela....”*

*(Dona Maria Silva, 81 anos)*

Uma das características marcantes da comunidade de Pai André é a simpatia com que cativam os visitantes e a amizade que nutrem uns pelos outros fazendo da vizinhança a extensão da sua própria família, uma demonstração de cumplicidade e respeito por tudo que representa o passado que construíram juntos. Outra personagem dessa história e que não poderíamos deixar de apresentar é a Sra. Nilva Amorim, que se procurada dessa forma na comunidade faria pouco sentido para alguns menos íntimos, mais se procurada por “Dona Roxa”, apelido dado pela sua madrinha, logo vem a tona sua popularidade. Nascida no Engenho Velho se casou com o Sr. Adelino Amorim, pescador e artesão, quando tinha 20 anos de idade e logo após cinco anos vieram a se instalar em Pai André, onde tiveram 7 filhos e uma vida de muito trabalho, mas tudo isso com muita alegria. Na época de praia em Pai André , Dona Roxa além das atividades de casa, da roça que cultivavam do outro lado do rio, ainda era salgadeira, vendia até 400 salgados nos finais de semana e como se não bastasse achava tempo para ser presidente do time de

futebol da vila, que era o “Comercial de Pai André”. E conduzidos pelas lembranças de dona Roxa, vemos o brilho em seus olhos ao visitar aqueles “tempos de bondade” como ela mesmo diz, e passamos a ter uma ideia mais concreta de como foi a vida em Pai André nessa época embalados pelo seu contagiante sorriso :

*“ aqui já foi tempo bom.... aqui todo mundo plantava verdura, pimentão, abobrinha, couve, coentro, berinjela e vendia tudo na feira... do outro lado era engenho, rapadura, verdura ....levava de canoa até o porto....”*

*“ As casas eram de pau-a-pique....era bem baixinha..... a condução nossa se quisesse ir pro centro passava lá na estrada de Praia Grande, era uma jardineira velha .... o motorista chamava sassorana....risos...”*

*“Aqui descia até de paraquedas ai na praia... fazia o festival de praia, festival do peixe ai vinha muita gente.... a praia era muito bonita...”*

*“ Aqui fazia festival do peixe grande entre os pescadores.....nós chegava a assar aqui 5 mil peixe..... vinha a banda do 16 tocar...ninguém pescava peixe....os pescadô daqui que ia em 6 canoa, três pra baixo e três pra cima... 3 horas eles iam quando era 16 horas tava aquele monte dessa altura...só peixe grande, todo mundo limpava e colocava pra assar....todo mundo comia e bebia não tinha briga não tinha nada..... pro cê vê como era bom esse rio.....”*

*“ nós fazia tudo as coisa com a água do rio....toma banho....  
era uma prata de limpo....”*

*“ ...em maio era a lufada.....até zoava de lambari....o óleo que  
nos fazia ficava bem verdinho....”*

*“ eu não sou daqui de Pai André mas eu conquistei todo  
mundo era criança, velho, moçada nova, todo mundo gostava  
de mim e ainda gostam.....*

*“ olha, no time punha apelido, comandava os homens e eles  
me respeitavam ....”*

*“ Era muito bonito aqui....*

*(Dona Roxa, 69 anos)*

Pai André é, como Bonsucesso, povoado de uma só rua, ao longo das barrancas do rio Cuiabá, com alguns moradores residentes no lugar denominado Céu, que dista menos de 1 km do povoado (MONTEIRO, 1987).

*“ ... antes onde estão se chamava Céu.... as vezes brincavam  
... vai pro Céu, devido ser um lugar muito bom, gostoso...mas  
era Pai André.....*

*(Moradora, 54 anos)*

Rio abaixo logo existe uma área de terras que pertenceu ao ex-Vereador Manoel Nobre de Miranda, um lutador, que por muitos anos manteve ali a fabricação da famosa aguardente “ Nobre ”, além de outros produtos da

cana-de-açúcar . A fábrica se chamava São Jorge, hoje terra do Bacharel Júlio Müller que foram herdadas pelo netos (MONTEIRO, 1987). Restaram apenas ruínas (Figura 4) como registro dessa atividade, o que é possível evidenciar nas falas abaixo:

*“ aqui tinha usina de álcool, nas terras do Julho Muller, tinham duas naquela região, uma acima na Cachoeira do Pau no “ Morrinho”, e a outra mais abaixo da vila de Pai André.... hoje acabou tudo só ficou uma bica de petróleo, de cobre o “alambique”.....fica na beira do rio... rio abaixo ” .*

(Morador, 60 anos)

*“ ... aqui tinha muito engenho, igualzinho Bonsucesso ... era rapadura noite e dia ...”*

(Morador, 87 anos)



**Figura 4** - Caldeira do antigo alambique  
(Fonte: SANTANA, 2012)

O povoado tinha muitos moradores. Isso ocorreu na época das usinas açucareiras e do tráfego das lanchas e das pequenas embarcações, impulsionadas por uma vara comprida, eram conhecidas como barcos a zinga (varejão), quando ali floresceram os canaviais, cujo produto era vendido aos usineiros. Pai André, naquele tempo, teve melhores possibilidades, graças ao intenso movimento em toda a sua faixa ribeirinha (MONTEIRO, 1987).

Com 87 anos de idade, Sr. Copertino explica que trabalhou muito nessa época de progresso onde se dividia entre a atividade na lavoura, seja no cultivo ou mesmo carregando as embarcações com a cana-de-açúcar que seria levado para as usinas e também exercendo a função de marítimo percorrendo várias rotas :

*“ naquela época aqui era só lancha ....eu viajei muito por esses caminhos fazendo a rota de Cuiabá para Corumbá, Porto Esperança, Porto Murtinho, Cáceres.... só que ai foi diminuindo a água ...diminuindo a água.... ai só pelo seco... então foi quando fiquei mais na plantação... aqui essa paisagem era bananal pra chegar no rio...canavial... ”* .

(Sr. Copertino 87 anos , Marítimo)

Essa fase passou. Muitos de seus moradores mudaram-se para Várzea Grande (cidade) ou para Cuiabá. Os grupos que viviam no “Morrinho” nos moldes de uma comunidade ribeirinha já não existem mais, sendo o terreno transformado em chácaras. De acordo com Monteiro (1987), Pai André já foi muito visitada pois se promoviam ali muitas festas, o dinheiro circulava e todos tinham trabalho. Com o desaparecimento das lanchas e das usinas, o lugar deixou de ser procurada como outrora e a sua gente teve a necessidade de se adaptar ao novo sistema que contemplava prática da horticultura em pequena escala e a pesca de subsistência.

As moradias antigas eram confeccionadas e conhecidas por pau-a-pique, barreado (barrote), adobe com fundo de palha, de forma bastante artesanal mas sofreram grandes mudanças na sua arquitetura original onde alguns telhados e paredes antigas dividem espaço em meio as estruturas que hoje na sua grande maioria são feitas de alvenaria (Figura 5) .



**Figura 5** – Aspecto de parede feita de tijolão  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Segundo Ferreira e Silva (2012) p. 202, a casa de barro representa um aporte de conhecimento. Nela está um conjunto de componentes da biodiversidade que o ribeirinho incorporou no processo de construção do saber. Um saber que faz sentido no lugar de viver do ribeirinho. Em outra condição de vida urbana este saber não tem significado, porque na cidade não são encontrados os componentes necessários para a construção da casa. E o saber do construir a casa não representa condição do ter a casa.

No passado a localidade possuía um prédio onde funcionava a escola pública estadual e o mesmo ruiu completamente, por falta de manutenção. Antes que uma nova escola fosse construída as aulas continuaram a acontecer em casa particular com cerca de 30 crianças (MONTEIRO, 1987). A atual instalação é a Escola Municipal de Educação Básica (EMEB) “Vereador Zeno de Oliveira” (Figura 6), que atende a educação infantil de 1° ao 5° ano e também o Ensino Fundamental Matutino e

Vespertino. Pai André ainda conta com duas linhas de ônibus municipais para o transporte dos moradores até o centro de Várzea Grande, bem como as crianças são assistidas como uma linha de ônibus específica para o transporte escolar.



**Figura 6** – Vista da Escola Vereador Zeno de Oliveira  
(Fonte: SANTANA, 2011)

A vila de Pai André, como é conhecida pelos moradores, é representada por uma rua principal, a Avenida Osvaldo Botelho de Campos, e pela Travessa João Neponuceno de Magalhães. Só a partir do ano de 1992 a comunidade passa a contar com a pavimentação, drenagem, meio fio e sarjeta.

Pai André não é assistido por uma unidade do Sistema Único de Saúde. Buscam o atendimento no Programa de Saúde da Família (PSF) do bairro vizinho, Souza Lima que é vinculado à Prefeitura Municipal de Várzea Grande (Centro de Saúde/ Unidade Básica). Outra unidade freqüentada pelos moradores é a Policlínica 24 de Dezembro Miguel Baracat que é mantida pela Prefeitura Municipal de Várzea Grande (DATASUS). Uma vez por mês um médico e a enfermeira chefe do (PSF) vão até a comunidade para medir pressão e marcar consultas.

O abastecimento de água que deveria ser garantido pelo DAE- Departamento de Água e Esgoto do município de Várzea Grande a toda comunidade de Pai André não vem ocorrendo à aproximadamente 2 anos com a devida regularidade no vilarejo, como relata esse morador:

*“... aqui a água não chega, já fazem dois anos ... deve esta entupido ...”*

(Morador, 60 anos)

Era do rio que os grupos familiares instalados em Pai André à margem direita do “Cuiabá”, retiravam a água que seria utilizada para o atendimento das suas necessidades básicas como beber, fazer comida, tomar banho, lavar roupa, louça e outras mais como podemos verificar nos depoimentos (Figura 7):

*“... nossa água era bem limpa ... nós fazia tudo as coisas com a água do rio ...tomava banho, lavava roupa...”*

(Dona Roxa, 69 anos)



**Figura 7** - Dona Roxa e a sogra limpando peixe  
(Fonte: Acervo particular da Dona Roxa)

A utilização da água do rio para as diversas atividades do dia a dia, é no presente um motivo de preocupação para os ribeirinhos devido a grande poluição que vem atingindo o “Cuiabá” que por sua vez é bombeado para dentro das casas da comunidade:

*“ ...o rio foi bom pra nós... agora nos bebe água comprada... puxo água do rio com a minha bomba, encho a caixa pra lavar roupa , banheiro....”*

*(Sr. Copertino, 87 anos)*

*“ quando vai chover tem que puxar cedo a água ...”*

*“... tem que pingar cloro para fazer comida...”*

*(Moradora, 69 anos)*

*“ ... nós trata.... nós compramos um produto e põe e assenta tudinho .... .... aí agente ocupa...”*

*(Morador, 60 anos)*

#### **4.3 O rio Cuiabá e a sua importância para os ribeirinhos**

Segundo Figueiredo e Salomão (2009) as nascentes do rio Cuiabá localizam-se no município de Rosário Oeste(MT), precisamente nas encostas da Serra Azul divisa natural entre as águas das bacias Amazônica e Platina, à cerca de 500 m de altitude. Seus principais formadores são os rios Cuiabá da Larga e o Cuiabá do Bonito. O clima da bacia do rio Cuiabá é marcadamente sazonal, classificando como sendo do tipo AW de Köpen, Tropical Úmido-Semiúmido, com duas estações do ano bem distintas estiagem de maio a outubro e chuvas de novembro a abril.

A maior parte da bacia do rio Cuiabá encontra-se no domínio morfoclimático do Cerrado, estando apenas a porção inferior dela no domínio do complexo do pantanal (BARROS, 2009).

O Conjunto aprimorado de saberes e práticas dos ribeirinhos incidiu no sistema social de Mato Grosso produzindo ações e reações distintas, mobilizando estratégias de controles dos poderes locais, a ponto da pesca de arrastão ser discriminada nas posturas policiais como criminosa, e os pescadores sujeito a pena, multa e ou reclusão (SILVA, 2009).

A pesca de subsistência é exercida pelas populações ribeirinhas que geralmente estão envolvidas no cultivo agrícola e que pescam para o consumo próprio constituindo essa atividade uma importante fonte de proteína estando integrada na cultura regional( MATEUS e FERREIRA 2009).

É importante registrar que as usinas de açúcar eram estrategicamente instaladas às margens do rio Cuiabá, então muito utilizada para a navegação o que facilitava o transporte do açúcar e eventualmente aguardente (SILVA e SILVA, 1995).

Para o morador da beira do rio Terra e Água são partes indissociáveis a manutenção de sua vida (FERREIRA, 1999).

Segundo Ferreira e Silva (2012) pág.202, os ribeirinhos vivenciam o Rio Cuiabá como lugar, portanto o percebem de forma distinta dos que usam o rio com outros objetivos que não o de vivenciá-lo, e esse lugar compreende o rio, a vegetação de margem, a casa, a terra de plantar, as pessoas da comunidade ribeirinha que por sua vez são constituídas por um caminho ( uma ruela ou uma estrada ) ao longo do qual perfilam casas e simples de barrote ou de alvenaria que comungam a margem e rio propriamente dito.

A população tradicional ribeirinha tem uma vida diferenciada, vivem em sintonia com a natureza, com a vida e o tempo às margens do rio. Povo simples paciente que sabem que a natureza quando não agredida, é gratuita e generosa e dela tiram a sobrevivência de suas famílias ( FAUSTINO E CAMPOS, 2010).

A permanência sustentável das comunidades ribeirinhas somente é possível com a conservação do rio Cuiabá e dos ecossistemas a ele associados, e os ecossistemas e a sua biodiversidade somente serão conservados pela valoração dos conhecimentos tradicionais das comunidades ribeirinhas ( FERREIRA, 2010, p.121)

Seja no passado ou no presente o fascínio que o “Cuiabá” causou e ainda causa, vem acompanhado do orgulho de saber o seu significado para manutenção do equilíbrio ambiental a sua volta, pois para o ribeirinho a sua história se confunde com a própria história do rio, dos tempos idos, tempos de

fatura e de poesia mas que ainda hoje pulsa no coração dos homens e mulheres simples que flutuam sobre suas águas :

“ Daí é a riqueza nossa.....”

(Morador, 60 anos)

“ O rio significa vida, se ele acaba acabou a comunidade”

(Moradora, 50 anos)

“ A sobrevivência do povo é o rio....”

(Moradora, 81 anos)

“ A minha história tudo passa pela água....”

(Moradora, 58 anos)

## **5. MATERIAL E MÉTODOS**

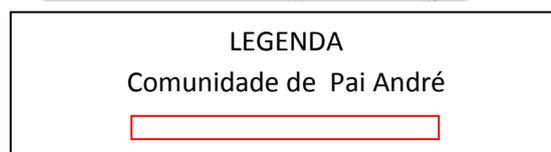
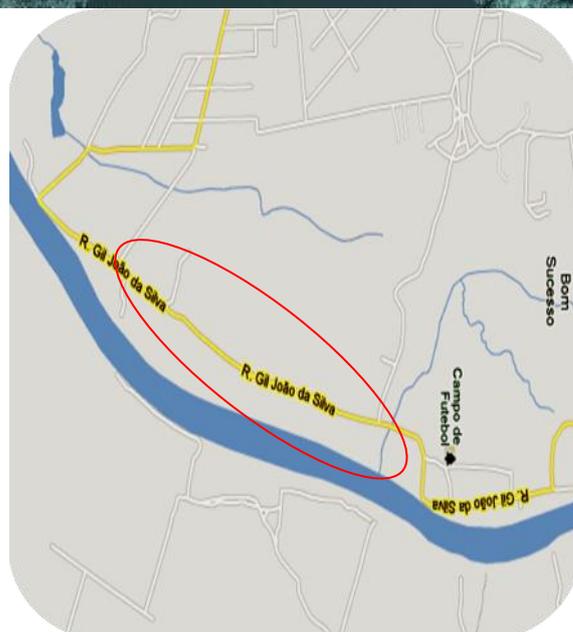
### **5.1 Área de estudo**

O presente trabalho foi realizado na comunidade de Pai André (Figura 8), município de Várzea Grande, Mato Grosso, que geograficamente está situada à 185 metros de altitude , cujas coordenadas geográfica estão compreendidas nos pontos 15°32'30" latitude sul e 56°17'18" longitude oeste.

Pai André é pequeno povoado entre Praia Grande e Bonsucesso. Situa-se às margens do rio Cuiabá em frente ao Morro de Santo Antônio. O clima é classificado como tropical quente e sub-úmido com precipitações de 1.750 mm, com maior intensidade em janeiro, fevereiro e março. Temperatura média anual de 24°C, sendo maior máxima 42°C, e menor mínima 0°C (FERREIRA, 1997).

De acordo com a Lei Complementar n.º 3.356/2009 que dispõe sobre o abairramento do Município de Várzea Grande/MT e dá outras providências, a comunidade passa a estar inserida na Região Sul – Costa Verde e Pai André fazendo parte do Distrito de Pai André , Aglomerado Rural.

Possui aproximadamente 40 famílias distribuídas pelo vilarejo e nas imediações ainda dentro de seus limites é notada a presença de muitas chácaras que são utilizadas para descanso e lazer nos finais de semana. Seus proprietários são na grande maioria pessoas que não moram na localidade.



**Figura 8 - Localização da comunidade de Pai André**  
Fonte: Google Maps adaptado por (SANTANA, 2012)

## 5.2 Procedimento metodológico

O estudo proposto está pautado em um compromisso ético perante a comunidade que se traduz no estabelecimento de limites e compromissos com valores, respeitando a liberdade de expressão dos sujeitos bem como o cuidado para a não intromissão no seu estilo de vida como afirma Martins (2004).

Cada povo cada grupo, cada comunidade tem o direito de autoconduzir-se, de desenhar seu destino, de buscar seus valores e de viver conforme seus costumes. Ao abordar as comunidades, o pesquisador deve ter em mente a responsabilidade moral de respeitar os valores culturais, as crenças, os hábitos, as religiões etc. Nesse respeito está a questão fundamental dos direitos humanos na abordagem às comunidades (AZEVEDO,1999).

A presente pesquisa teve início após a aprovação do Comitê de Ética da UNEMAT, representada através do parecer N° 116/2011, e depois de ter sido recolhido o termo de consentimento livre e esclarecido com a autorização da comunidade para que pudesse ser realizada a pesquisa o que foi intermediado pelo presidente de bairro.

Foram entrevistados 22 moradores escolhidos através da técnica da bola-de-neve(Snowball) como denomina Bernard (2002). A coleta de dados ocorreu entre os meses de outubro de 2011 a outubro de 2012. O método utilizado foi o qualitativo com a aplicação de perguntas semiestruturadas com a ajuda de formulário contendo perguntas abertas e fechadas.

As entrevistas foram realizadas de forma oral e gravadas com recurso de um gravador digital Samsung GT-B3410, com a devida autorização dos informantes, e ainda contou com o apoio do registro fotográfico máquina Fujifilm S2800 HD. Também foi utilizada como recurso a caderneta de campo e o diário de campo para o registro das informações coletadas.

O processo de decodificação dos dados êmicos gerados na pesquisa, no estudo das etnocategorias passa pela visão ética que o pesquisador tem do pesquisado (VIERTLER, 2002).

De acordo com Ludke & André (1986), a pesquisa qualitativa se configura no ambiente natural através do contato direto e prolongado do pesquisador no ambiente que será investigado e portanto necessitando de trabalho intensivo.

O registro do saber local por parte do pesquisador pretende ressaltar as riquezas e nuances dos ensinamentos passados de geração para geração permitindo entender melhor como é o funcionamento dessa dinâmica de interação com o meio ambiente e também para que sirva de subsídios na tentativa de preservação dos tratos socioambientais e culturais da comunidade. Independentemente das hipóteses, levantadas nessa pesquisa, serem confirmadas ou negadas o importante é que esse conhecimento não seja ignorado pois a partir do estudo tem-se uma ocasião privilegiada para a composição de soluções propostas aos seus problemas como afirmam Ludke e André (1986).

As plantas referidas pelos entrevistados não foram coletadas pois na maioria constituem espécies comuns já perfeitamente identificadas. As identificações botânicas foram feitas em campo por meio dos trabalhos de Lorenzi e Matos(2002); Lorenzi e Souza (2001) e Souza e Lorenzi (2005).

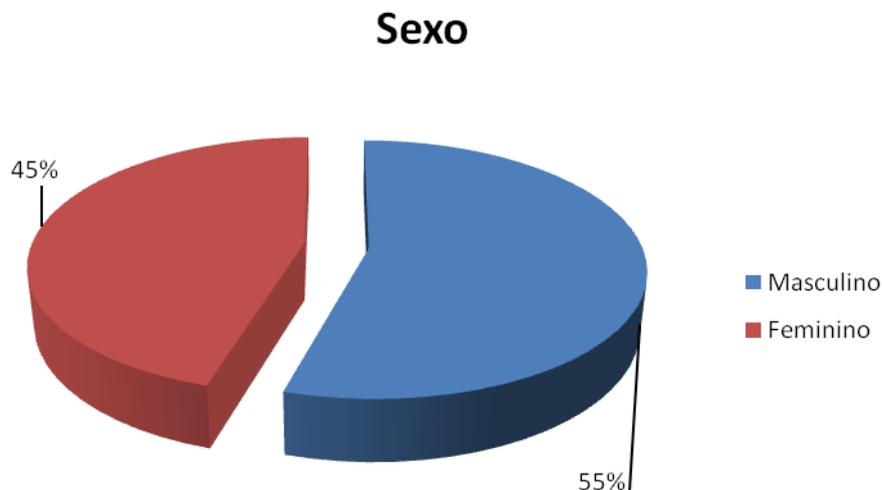
As vivências de educação ambiental, oficinas temáticas, realizadas na comunidade com as crianças e adultos objetivando a sensibilização ambiental ocorreram sob uma perspectiva de pesquisa-ação tendo como recurso as seguintes técnicas: Técnica de pintura individual, Técnica de maquete coletiva e Técnica “contando história”.

## 6. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 6.1 Perfil dos informantes

#### 6.1.1 Dados sobre o sexo dos informantes

Observou-se que os entrevistados são pessoas de ambos os sexos com predominância de indivíduos do sexo masculino (55%), quanto o sexo feminino representa (45 %) dos entrevistados. Pode-se entender que o equilíbrio entre o gênero dos entrevistados tem relação com a atividade profissional que exercem, onde a maioria era encontrada em suas residências durante boa parte do dia, com destaque para as donas de casa, aposentados e pescadores, sendo que esse último mantém o hábito da pesca noturna. (Figura 9)

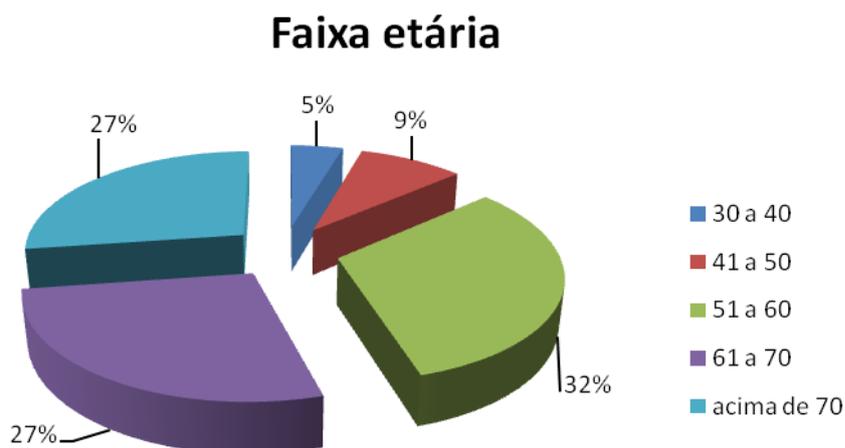


**Figura 9** – Distribuição percentual do gênero dos informantes.  
(Fonte: SANTANA, 2012)

### 6.1.2 Faixa etária dos informantes

A faixa de idade que mais se destacou foram os adultos entre 51 a 60 anos(32%). Englobou ainda as faixas 30 a 40 anos (5%), 41 a 50 anos (9%), 61 a 70 anos (27%) e destaque também para os informantes categorizados, idosos acima de 70 anos que representaram 27 % dos depoimentos coletados. Na tentativa de conhecer o saber local da comunidade torna-se de suma importância para a pesquisa que façam parte do grupo de entrevistados, moradores mais antigos, para que os saberes não se percam. (Figura 10)

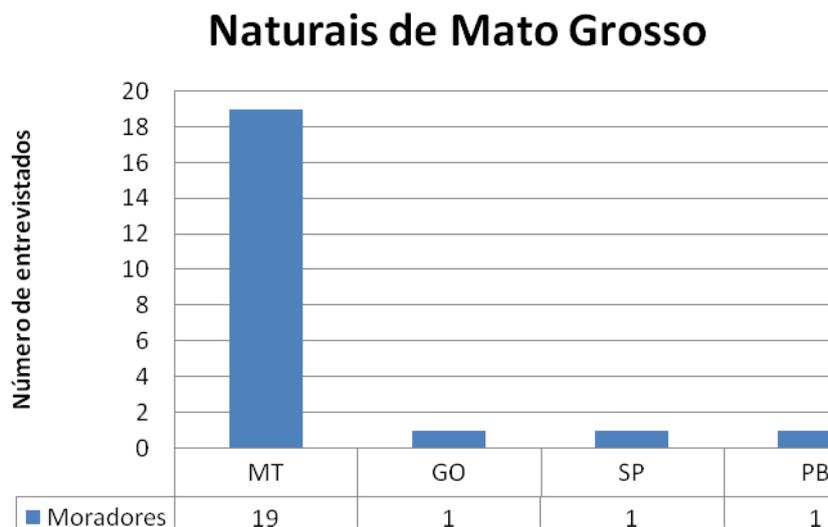
“ Os antigos vai acabando e as histórias vai sumindo...”  
( Homem, 57 anos)



**Figura 10** – Percentual da faixa etária dos entrevistados de Pai André.  
(Fonte: SANTANA, 2012)

### 6.1.3 Naturalidade dos moradores

Os moradores da “terra”, naturais de Mato Grosso, representam juntos (86,36%) dos entrevistados sendo que apenas 3 pessoas do total são de outros Estados distintos (Figura 11).

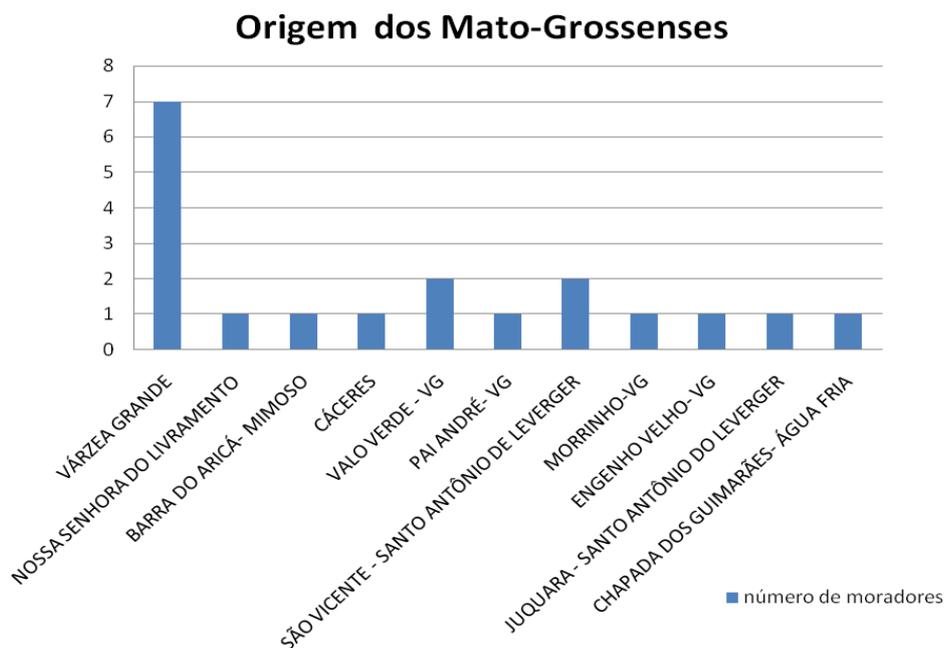


**Figura 11** – Estados de origem dos entrevistados.  
(Fonte: SANTANA,2012)

O fato de a comunidade ter se desenvolvido mantendo os grupos familiares instalados no local, várias gerações convivendo juntas, mesmo que em contrapartida havendo uma tendência dos mais novos se casarem com pessoas de regiões próximas ligadas por questões culturais ao invés de acontecer entre famílias como enfatiza um morador. Isso pode ser observado na figura 12 que aponta Várzea Grande (31,81%) com mais representantes e o equilíbrio entre os representantes de outros lugares. Essa questão é reforçada por um morador:

“... lá em Bonsucesso o pessoal casava entre eles..... e aqui já casou com o pessoal de fora...”

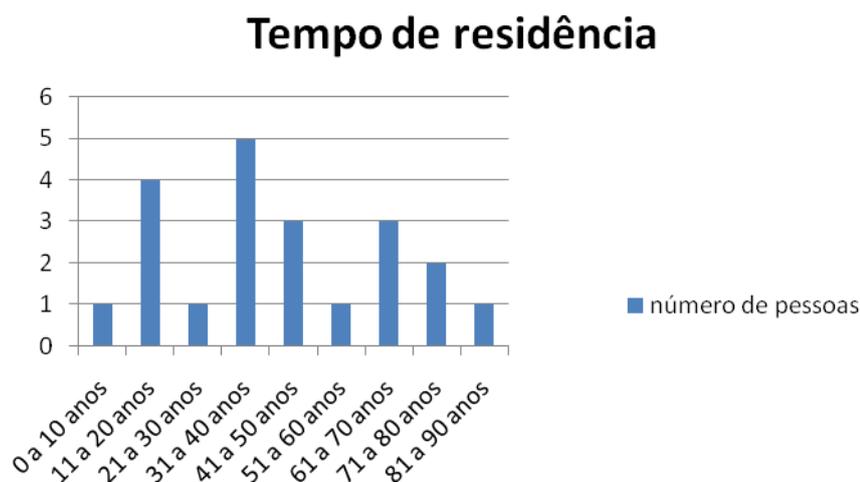
(Morador, 60 anos)



**Figura 12** – Cidades de origem dos mato-grossenses.  
(Fonte: SANTANA,2012)

#### 6.1.4 Tempo de residência na comunidade

Os resultados apontam como destaque a faixa de tempo que vai de 31 a 40 anos de residência(22,72%), sendo seguida por moradores que estão a menos tempo na comunidade, faixa de 11 a 20 anos(18,18%). Devemos destacar que um equilíbrio aparente entre as pessoas que estão a menos tempo e outros com mais tempo de moradia, propicia um “choque” de informações que permite ampliar o campo de observação para a apreensão do saber local que é transmitido de geração para geração (Figura 13).

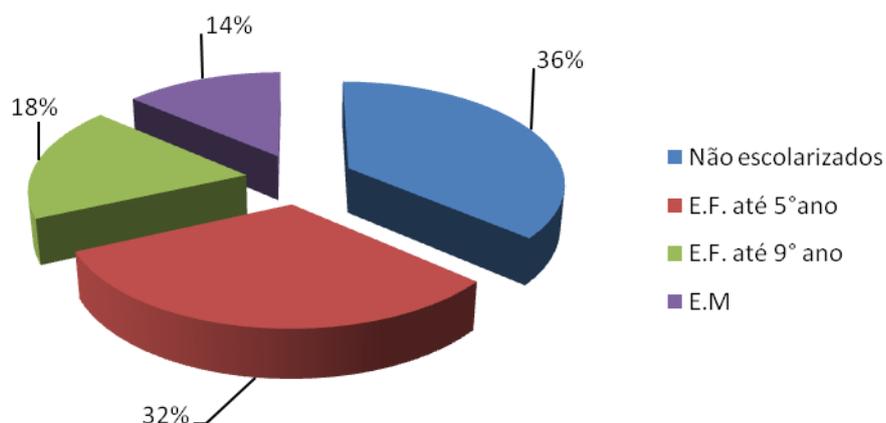


**Figura 13** – Tempo de residência dos entrevistados de Pai André.  
(Fonte: SANTANA,2012)

#### 6.1.5 Escolaridade dos informantes

Quanto ao grau de instrução as pessoas não escolarizadas representam ( 36 %) dos entrevistados e que cursaram o Ensino Fundamental até o 5º ano, somam (32 %). Podemos entender que esse resultado expressa a falta de oportunidade de cursar o ensino formal por parte principalmente para os mais antigos que na formação da comunidade, homens e mulheres indistintamente, passavam a maior parte de seu tempo trabalhando nas roças, engenhos e a atividade de pesca, tradições essas que iam passando de pai para filho(Figura 14).

## Grau de escolaridade



**Figura 14** - Grau de escolaridade dos entrevistados de Pai André.  
( Fonte: SANTANA, 2012)

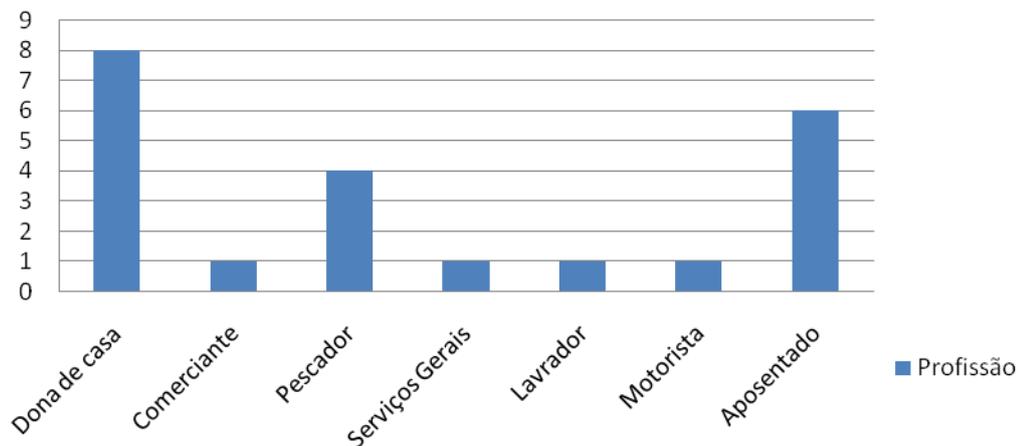
### 6.1.6 Atividades profissionais dos entrevistados

Apesar dos homens entrevistados serem em maior quantidade (12 pessoas) a atividade profissional mais praticada é a de, dona de casa, com (36,36%) dos entrevistados seguidos dos aposentados (27,27%) e pescadores( 18,18%). Fazendo um paralelo com uma das mais tradicionais atividades profissionais, a pesca, que até hoje é praticada profissionalmente na comunidade, veremos que muitos deixaram ou “cancelaram a carteira”, no dizer de um ribeirinho, por não conseguirem mais suprir suas necessidades somente através da pesca, desenvolvem outras atividades como a de pedreiro (Figura 15).

“ Por enquanto a comunidade ainda ta vivendo da pesca, mas já não era como antigamente....já não como era....”

(Pescador, 60 anos)

## Atividade profissional

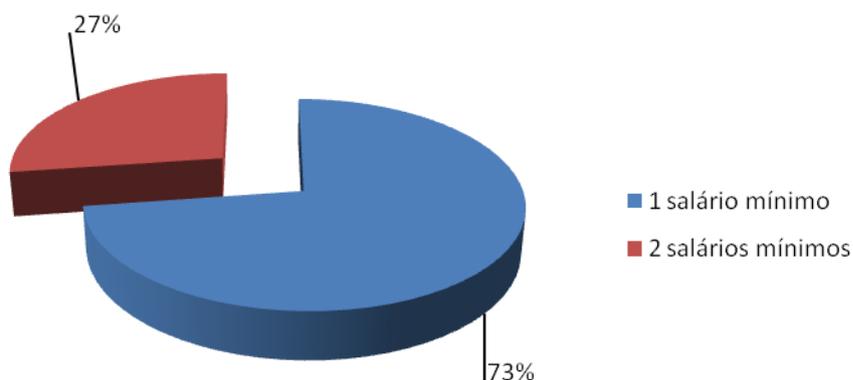


**Figura 15** - Atividades profissionais dos informantes.  
(Fonte: SANTANA,2012)

### 6.1.7 Renda familiar dos informantes

A renda mensal dos 73% dos entrevistados é de 1 salário mínimo enquanto aqueles que recebem até dois salário mensais é de 27%. (Figura 33)

## Renda familiar



**Figura 16** – Percentual da renda familiar dos entrevistados de Pai André.  
(Fonte: SANTANA, 2012)

## 6.2 Saber local da comunidade de Pai André

### 6.2.1 O universo da flora: os recursos vegetais

“ O tarumeiro está começando a florir ... fica tudo roxinha... teve até uma dona que parou e deitou naquele tapete de flor que forma muito bonito...”

(Dona Roxa, 69 anos)

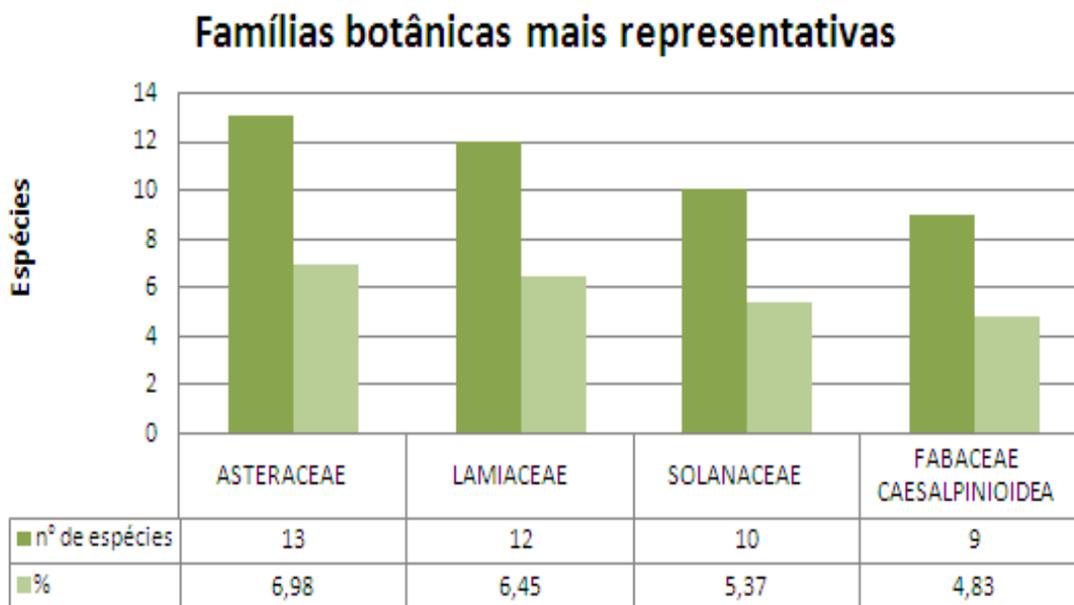
Os recursos vegetais possuem importância fundamental para as populações humanas, seja como alimento, matéria-prima, ou ainda como significado cultural (GUARIM NETO e MACIEL, 2008).

A riqueza do conhecimento popular gerado ao longo dos tempos, e repassado oralmente através das gerações é muito grande, porém é preciso atentar ao fato de que muito do que será transmitido no futuro está sendo fundamentado e testado de forma empírica atualmente. Sendo assim, estudos que permeiam a temática das plantas e suas diversificadas utilizações deveriam amparar-se na dualidade flora e cultura, daí a necessidade de projetos que visem além da conservação da flora nativa de outros que mantenham o modo de vida tradicional dessas populações, por meio de medidas políticas, econômicas e sociais (GUARIM NETO et al., 2011, p.119-120)

Durante as conversas que iam se descortinando entre um “cafezinho” e outro, ou mesmo saboreando ainda um delicioso doce de banana, os acolhedores diálogos iam revelando o enorme manancial do saber local sobre os recursos vegetais presentes na mata ciliar, cerrado, quintais,

varandas e na memória afetiva dos entrevistados, tendo como resultado a relação de plantas que foram sistematizadas de acordo com o nome popular, família botânica e respectivas categorias de uso (etnecategorias).

Analisando a tabela 1, são computadas 186 espécies pertencentes à 75 famílias botânicas. As famílias botânicas que tiveram maior destaque foram: Asteraceae com 6,98 % das espécies, Lamiaceae com 6,45 % das espécies, Solanaceae com 5,37 % das espécies e Fabaceae Caesalpinioideae com 4,83 % das espécies (Figura 17).



**Figura 17 - Famílias botânicas mais representativas**  
(Fonte: SANTANA,2012)

Tabela 1 - Plantas citadas pelos moradores da comunidade de Pai André com seus nomes populares (etnoespécies), famílias/espécies e categorias de uso. Med. = medicinal; Alim. = alimentação; Mad. = madeira; Art. = Artesanais; Orn. = ornamental; Mist. = místico; Somb. = sombra

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Abacateiro	LAURACEAE <i>Persea americana</i> Mill	Med. Alim. Somb.
Abacaxi	BROMELIACEAE <i>Ananas comosus</i> (L.) Merri.	Alim.
Abobrinha	CUCURBITACEAE <i>Cucurbita pepo</i> L.	Alim.
Açafrão	ZINGIBERACEAE <i>Curcuma longa</i> L.	Med. Alim.
Açaí	ARECACEAE <i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Alim.
Acerola	MALPIGHIACEAE <i>Malpighia glabra</i> L.	Med. Alim.
Agrião	BRASSICACEAE <i>Nasturtium officinale</i> R.Br.	Med. Alim.
Alecrim	LAMIACEAE <i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Med.
Alface	ASTERACEAE <i>Lactuca sativa</i> L.	Alim.
Alfavaca	LAMIACEAE <i>Ocimum micranthum</i> Willd.	Med.
Alfavacão	LAMIACEAE <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Med.
Algodão	MALVACEAE <i>Gossypium hirsutum</i> L.	Med.
Algodãozinho	MORACEAE <i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Med.
Amora	MORACEAE <i>Morus nigra</i> L.	Med. Alim.
Anador	ACANTHACEAE <i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leon.	Med.
Antúrio	ARACEAE <i>Anthurium andraeanum</i> Linden	Orn.
Araçá	MYRTACEAE <i>Psidium firmum</i> O. Berg	Med.
Araputanga (mogno)	MELIACEAE <i>Swietenia macrophylla</i> King	Mad. Art. Somb.
Aroeira	ANACARDIACEAE <i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Med. Mad.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Arruda	RUTACEAE <i>Ruta graveolens</i> L.	Med. Orn. Mist.
Artemísia	ASTERACEAE <i>Artemisia vulgaris</i> L.	Med.
Assa-peixe	ASTERACEAE <i>Vernonia ferrugínea</i> Less.	Med.
Ata	ANNONACEAE <i>Annona squamosa</i> L.	Alim.
Babosa	XANTHORRHOEACEAE <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f.	Med.
Banana-da-terra	MUSACEAE <i>Musa paradísíaca</i> L.	Alim.
Banana-nanica	MUSACEAE <i>Musa cavendishii</i> L.	Alim.
Batata-doce	CONVOLVULACEAE <i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Med. Alim.
Berinjela	SOLANACEAE <i>Solanum melongena</i> L.	Med. Alim.
Bocaiuva	ARECACEAE <i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.)Lodd. ex Mart	Med. Alim.
Boldo	LAMIACEAE <i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Med.
Boldo-chinês	ASTERACEAE <i>Vernonia condensata</i> Backer	Med.
Barbatimão	FABACEAE MIMOSOIDEAE <i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Med.
Bromélia	BROMELIACEAE <i>Bromelia</i> sp.	Orn.
Buchinha	CUCURBITACEAE <i>Luffa operculata</i> Cogn.	Med.
Cajá-manga	ANACARDIACEAE <i>Spondias dulcis</i> L.	Alim.
Cajueiro	ANACARDIACEAE <i>Anacardium occidentale</i> L.	Med. Alim. Somb.
Calção-de-velho	BORAGINACEAE <i>Cordia insignis</i> Cham.	Med.
Calunga	SIMAROUBACEAE <i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil.	Med.
Cambará	VOCHYSIACEAE <i>Vochysia divergens</i> Pohl	Med. Mad. Art.
Cambará-de-cheiro	VERBENACEAE <i>Lantana camara</i> L.	Med.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Camomila	ASTERACEAE <i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Med.
Cana-de-açúcar	POACEAE <i>Saccharum officinarum</i> L.	Alim.
Cana-de-brejo	COSTACEAE <i>Costus spicatus</i> Roscoe	Med.
Canela	LAURACEAE <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn	Med. Alim.
Capim-barba-de-bode	CYPERACEAE <i>Bulbostylis capillaris</i> (L.) C.B.Clark	Med.
Capim-cidreira	POACEAE <i>Cymbopogon citratus</i> (DC)Stapf	Med. Alim.
Capim-gordura	POACEAE <i>Melinis minutiflora</i> P. Beauv.	Med.
Carambola	OXALIDACEAE <i>Averrhoa carambola</i> L.	Med. Alim. Somb.
Carapiá	MORACEAE <i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Med.
Carne-de-vaca	PROTEACEAE <i>Roupala montana</i> Aubl.	Mad.
Carqueja	ASTERACEAE <i>Baccharis genisteloides</i> L.	Med.
Carrapicho-de-carneiro	ASTERACEAE <i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Med.
Cebolinha	AMARYLLIDACEAE <i>Allium fistulosum</i> L.	Alim.
Cenoura	APIACEAE <i>Daucus carota</i> L.	Alim.
Chapéu-de-couro	ALISMATACEAE <i>Echinodorus grandiflorus</i> Mich.	Med.
Chico-magro	MALVACEAE <i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Med. Alim.
Cica	CYCADACEAE <i>Cycas revoluta</i> Thunb	Orn.
Coco-da-Bahia	ARECACEAE <i>Cocos nucifera</i> L.	Alim.
Coentro	APIACEAE <i>Coriandrum sativum</i> L.	Alim.
Coité	BIGNONIACEAE <i>Crescentia cujete</i> L.	Art. Orn.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Colônia	ZINGIBERACEAE <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt. e R. M. Sm.	Med.
Comigo-ninguém-pode	ARACEAE <i>Dieffembachia amoena</i> L.	Med. Orn. Mist.
Copaíba	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Med.
Costela-de-adão	ARACEAE <i>Monstera deliciosa</i> L.	Orn.
Couve	BRASSICACEAE <i>Brassica oleracea</i> L.	Med. Alim.
Crista-de-galo	AMARANTHACEAE <i>Celosia cristata</i> L.	Orn
Cumbaru	FABACEAE PAPILIONOIDEAE <i>Dipteryx alata</i> Vogel	Med. Alim. Mad.
Dipirona	AMARANTHACEAE <i>Alternanthera</i> sp.	Med.
Douradinha	RUBIACEAE <i>Palicourea xanthopylla</i> M.Arg.	Med.
Erva-cidreira	VERBENACEAE <i>Lippia alba</i> (Mill.)N.E.Br. ex Britton &Wilson	Med. Alim.
Erva-de-bicho	POLYGONACEAE <i>Polygonum hydropiperoides</i> Mich.	Med.
Erva-de-Santa-Maria	CHENOPODIACEAE <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Med.
Erva-doce	APIACEAE <i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Med. Alim.
Espada-de-são-jorge	LILIACEAE <i>Sansevieria trifasciata</i> L.	Med. Orn. Mist.
Espinheira-santa	CELASTRACEAE <i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Med.
Eucalipto	MYRTACEAE <i>Eucalyptus globulus</i> Labill	Med. Mad.
Fedegoso	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Senna occidentalis</i> (L.)Link	Med. Alim.
Feijão-andu	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Cajanus cajan</i> (L.) Millsp.	Med. Alim.
Figueira	MORACEAE <i>Ficus benjamina</i> L.	Mad. Somb.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Flamboyant	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Delonix regia</i> (Bojer) Raf.	Orn. Somb.
Folhagem	ARACEAE <i>Caladium bicolor</i> L.	Orn.
Fortuna	CRASSULACEAE <i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Med. Orn. Mist.
Fumo	SOLANACEAE <i>Nicotiana tabacum</i> L.	Med.
Genciana	GENTIANACEAE <i>Gentiana lutea</i> L.	Med.
Gengibre	ZINGIBERACEAE <i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Med. Alim.
Gervão	VERBENACEAE <i>Stachytarpheta cayennensis</i> (L.C.Rich.) Vahl	Med.
Girassol	ASTERACEAE <i>Helianthus annuus</i> L.	Med. Alim. Orn.
Goiabeira	MYRTACEAE <i>Psidium guajava</i> L.	Med. Alim.
Gonçaleiro	ANACARDIACEAE <i>Astronium fraxinifolium</i> Schot ex Spreng.	Med.
Graviola	ANNONACEAE <i>Annona muricata</i> L.	Med. Alim.
Guiné	PHYTOLACACEAE <i>Petiveria alliacea</i> L.	Med. Orn. Mist.
Hibisco	MALVACEAE <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Orn.
Hortelã-grande	LAMIACEAE <i>Plectranthus amboinicius</i> (Lour.) Spreng.	Med.
Hortelã-pimenta	LAMIACEAE <i>Mentha arvensis</i> L.	Med. Alim.
Hortelazinho-do-campo	LAMIACEAE <i>Mentha piperita</i> L.	Med.
Hortência	SAXIFRAGACEAE <i>Hydrangea macrophylla</i> (L.)	Orn.
Imbaúva	URTICACEAE <i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Med.
Ingá	FABACEAE MIMOSOIDEAE <i>Inga edulis</i> Mart.	Alim. Somb.
Ipê-amarelo	BIGNONIACEAE <i>Tabebuia caraiba</i> ( Mart.) Bur.	Orn. Somb.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Ipê-branco	BIGNONIACEAE <i>Handroanthus roseo-albus</i> (Ridl.) Mattos	Med. Orn. Somb.
Ipê-roxo	BIGNONIACEAE <i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Med. Orn. Somb.
Ixora	RUBIACEAE <i>Ixora coccinea</i> L.	Orn.
Jaborandi	PIPERACEAE <i>Piper cavalcantei</i> Yunck	Med.
Jabuticaba	MYRTACEAE <i>Myrciaria cauliflora</i> ( Mart.) O. Berg	Alim.
Jaca	MORACEAE <i>Artocarpus integrifolia</i> L.	Alim. Somb.
Jasmim	APOCYNACEAE <i>Plumeria alba</i> L.	Orn.
Jatobá-do-cerrado	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Hymenaea stagnocarpa</i> Mart.	Med. Alim.
Jatobá-mirim	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Hymenaea courbaril</i> L.	Med. Alim.
Jenipapo	RUBIACEAE <i>Genipa americana</i> L.	Alim.
Jequitibá	LECYTHIDACEAE <i>Cariniana rubra</i> Gardner ex Miers	Med.
Jiboia	ARACEAE <i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Orn.
Jiló	SOLANACEAE <i>Solanum gilo</i> Raddi	Alim.
Jucá	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Med. Somb.
Jurubeba	SOLANACEAE <i>Solanum paniculatum</i> L.	Med.
Laranja	RUTACEAE <i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Med. Alim.
Limão	RUTACEAE <i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f	Med. Alim.
Limão-taiti	RUTACEAE <i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Alim.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Limão-taiti	RUTACEAE <i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Alim.
Lírio-da-paz	ARACEAE <i>Spathiphyllum wallisii</i> Regel	Orn.
Lixeira	DILLENIACEAE <i>Curatella americana</i> L.	Med. Mad.
Losna	ASTERACEAE <i>Artemisia absinthium</i> L.	Med.
Louro	BORAGINACEAE <i>Cordia glabrata</i> Mart.	Orn. Somb.
Malva-branca	MALVACEAE <i>Malva sylvestris</i> L.	Med.
Mamoeiro	CARICACEAE <i>Carica papaya</i> L.	Med. Alim.
Mandioca	EUPHORBIACEAE <i>Manihot esculenta</i> Crantz	Alim.
Mangueira	ANACARDIACEAE <i>Mangifera indica</i> L.	Med. Alim. Mad. Mist. Somb.
Manjeriço	LAMIACEAE <i>Oncimum basilicum</i> L.	Med.
Maracujá	PASSIFLORACEAE <i>Passiflora edulis</i> Sims	Med. Alim.
Marcelinha	ASTERACEAE <i>Achyrocline satureioides</i> (Lam.) DC.	Med.
Maxixe	CUCURBITACEAE <i>Cucumis anguria</i> L.	Alim.
Melancia	CUCURBITACEAE <i>Citrullus lanatus</i> L.	Alim.
Melão-de-São-Caetano	CUCURBITACEAE <i>Momordica charantia</i> L.	Med.
Milho	POACEAE <i>Zea mays</i> L.	Alim.
Negramina	SIPARUNACEAE <i>Sipuruna guianensis</i> Aubl.	Med.
Noni	RUBIACEAE <i>Morinda citrifolia</i> L.	Med. Alim.
Nós-moscada	MYRISTICACEAE <i>Myristica fragans</i> Houttuyn	Med.
Novateiro	POLYGONACEAE <i>Triplaris americana</i> L.	Med. Mad. Art.

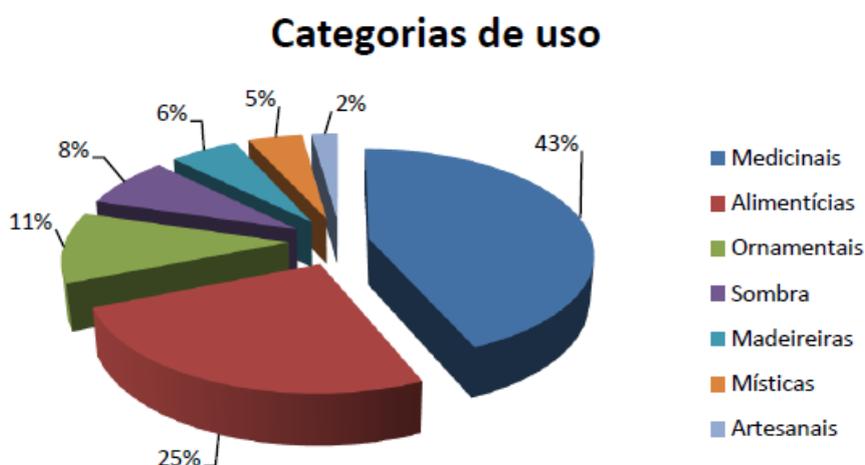
<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Oiti	CHYSOBALANACEAE <i>Licania tomentosa</i> ( Benth.) Fr.	Orn. Somb.
Onze-horas	PORTULACACEAE <i>Portulaca oleracea</i> L.	Orn.
Pata-de-vaca	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Bauhinia rufa</i> ( Bong.)	Med. Orn.
Pau-de-balsa	MALVACEAE <i>Ochroma pyramidale</i> ( Cav. ex Lam.)Urb.	Mad.
Pega-pinto	NYCTAGINACEAE <i>Boerhavia diffusa</i> L.	Med.
Pepino	CUCURBITACEAE <i>Cucumis sativus</i> L.	Alim.
Picão-amarelo	ASTERACEAE <i>Bidens pilosa</i> L.	Med.
Picão-branco	ASTERACEAE <i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Med.
Pimenta-chumbinho	SOLANACEAE <i>Capsicum baccatum</i> L.	Alim.
Pimenta-de-cheiro	SOLANACEAE <i>Capsicum odoratum</i> Steud.	Alim.
Pimentão	SOLANACEAE <i>Capsicum annuum</i> L.	Alim.
Pingo-de-ouro	VERBENACEAE <i>Duranta repens</i> L.	Orn.
Pinhão-roxo	EUPHORBIACEAE <i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Med.
Pinheirinho	CUPRESSACEAE <i>Chamaecyparis</i> sp.	Orn.
Piqui	CARYOCARACEAE <i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Med. Alim.
Pitanga	MYRTACEAE <i>Eugenia uniflora</i> L.	Med. Alim.
Pitomba	SAPINDACEAE <i>Talisia esculenta</i> ( A. St.-Hil.) Radlk	Med. Alim. Somb.
Piuva	BIGNONIACEAE <i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Mad. Art. Orn.
Poejo	LAMIACEAE <i>Mentha pulegium</i> L.	Med.
Pronto-alívio	ASTERACEAE <i>Achillea millefolium</i> L.	Med.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Quebra-pedra	EUPHORBIACEAE <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Med.
Quiabo	MALVACEAE <i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench.	Alim.
Quina-do-cerrado	LOGANIACEAE <i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil	Med.
Raiz-de-Bugre	STERCULIACEAE <i>Byttneria melastomaefolia</i> A. St. -Hil.	Med.
Repolho	BRASSICACEAE <i>Brassica oleracea</i> var. capitata L.	Alim.
Romã	PUNICACEAE <i>Punica granatum</i> L.	Med. Alim
Rosa	ROSACEAE <i>Rosa</i> sp.	Orn.
Rúcula	BRASSICACEAE <i>Eruca sativa</i> (L.) Cav.	Alim.
Sabugueiro	CAPRIFOLIACEAE <i>Sambucus australis</i> Cham. et Schltdl.	Med.
Salsa	APIACEAE <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Nymam ex H. W.Hill.	Alim.
Samambaia-de-metro	DAVALLIACEAE <i>Nephrolepis cordifolia</i> Prest.	Orn.
Sangra-d`água	EUPHORBIACEAE <i>Croton urucurana</i> Baill.	Med.
Sarã	CANNABACEAE <i>Celtis</i> sp.	Mad.
Sarã-de-leite	EUPHORBIACEAE <i>Sapium oboratum</i> Klotzsch ex Mull. Arg	Mad. Art.
Seriguela	ANACARDIACEAE <i>Spor dias purpurea</i> L.	Alim. Som.
Sucupira	FABACEAE PAPILIONOIDEAE <i>Pterodon pubensens</i> (Benth.) Benth.	Med.
Tamarindo	FABACEAE CAESALPINIOIDEAE <i>Tamarindus indica</i> L.	Alim. Somb.
Tangerina	RUTACEAE <i>Citrus reticulata</i> L.	Alim.

<b>Nomes populares(etnoespécies)</b>	<b>Famílias/Espécies</b>	<b>Categorias de uso</b>
Tapera-velha	LAMIACEAE <i>Hiptys suaveolens</i> (L.) Poit.	Med.
Tarumeiro	LAMIACEAE <i>Vitex cymosa</i> Bertero	Med. Alim. Mad. Orn. Somb.
Terramicina	AMARANTHACEAE <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) O.Kuntze	Med.
Tomate	SOLANACEAE <i>Solanum lycopersicum</i> L.	Alim.
Tomate-cereja	SOLANACEAE <i>Solanum lycopersicum</i> L.	Alim.
Trevo	OXALIDACEAE <i>Oxalis oxypetra</i> L.	Orn.
Trevo-roxo	OXALIDACEAE <i>Oxalis atropurpurea</i> Regnellii	Orn. Mist.
Unha-de-gato	RUBIACEAE <i>Uncaria tomentosa</i> (Willd. ex Roem. & Schult.) DC.	Med. Mist.
Urucum	BIXACEAE <i>Bixa orellana</i> L.	Med. Alim.
Uvinha	SOLANACEAE <i>Solanum americanum</i> Mill	Med. Alim.
Vassourinha	SCROPHULARIACEAE <i>Scoparia dulcis</i> L.	Med.
Velame	APOCYNACEAE <i>Macrosiphonia longiflora</i> (Desf.) M.Arg.	Med.
Vick	LAMIACEAE <i>Mentha spicata</i> L.	Med.
Vinca	APOCYNACEAE <i>Catharanthus roseus</i> L.	Orn.
Ximbuva	FABACEAE MIMOSOIDEAE <i>Enterolobium cotortisiliquum</i> (Vell.) Morong.	Mad. Art.

As finalidades êmicas das espécies citadas pelos moradores passaram pela visão sistemática do pesquisador fornecendo dados éticos que foram classificadas em sete categorias de uso (etnocategorias), são elas: medicinais, alimentícias, ornamentais, místicas, sombra, madeireira e artesanais.

Dentre as categorias de uso as plantas medicinais representam cerca de 43% do número total das indicações como segue na figura 18.



**Figura 18** - Representatividade das categorias de uso  
(Fonte : SANTANA, 2012)

Dentre as espécies de plantas medicinais mais apontadas pela comunidade estão: *Plectranthus barbatus* Andrews (boldo) com 3,2 %, *Cecropia pachystachya* Trécul (imbaúva) com 2,75%, *Caesalpinia ferrea* Mart.(jucá), com 2,29% e *Ruta graveolens* L. (arruda) com 2,29 %.

Os estudos e pesquisas sobre as espécies vegetais utilizadas na medicina tradicional devem ser intensificados, visando à obtenção de informações que contribuam para um melhor conhecimento a esse respeito, possibilitando ações que beneficiam a sociedade e valorizam o conhecimento tradicional de populações humanas que há milênios se inter-relacionam com recursos do ambiente e o manejam (GUARIM NETO e MACEDO, 2009. Pág.18).

Estudos sobre plantas medicinais, finalidades e forma de utilização tem revelado a riqueza e o potencial da flora de Mato Grosso bem como alertado sobre a necessidade de conservação desse recurso como podemos evidenciar nos trabalhos de Guarim Neto (1996), Jorge (2001), Amorozo (2002), Pasa e Guarim Neto (2005), Borba e Macedo (2006) e Guarim Neto (2006).

A confiança e a fé no poder de cura das plantas medicinais faz parte da história de vida de muitas pessoas como enfatiza um morador:

“ o chico-magro ta curando meu pé....graças a Deus..... eu não pisava no chão....agora já consigo pisar...”

(Moradora, 69 anos)

Dentre as espécies alimentícias as que mais se destacaram foram respectivamente: *Musa cavendishii* L.(banana-nanica) com 5,51%, *Mangifera indica* L.(mangueira) com 4,72, *Psidium guajava* L.(goiabeira) com 3,93% e *Brassica oleracea* L.(couve) com 3,93%.

A história de origem do vilarejo foi marcada pelo cultivo familiar de hortaliças e também espécies frutíferas que atendiam a demanda das famílias e o restante era vendida no mercado do porto e nas proximidades, por esse motivo é fácil perceber na fala dos informantes a referência em especial desses vegetais que se destacaram.

“ a canoa subia com quiabo, couve...carregava com rapadura e descia com mercadoria...”

(Moradora, 81 anos)

Já entre as espécies madeireiras destacaram-se o *Celtis* sp.(sarã) com 13,79%, *Vitex cymosa* Bertero(tarumeiro) com 10,34% e *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira) com 10,34%. A proximidade com uma densa mata de galeria e extensos fragmentos de cerrado em torno das casas dos moradores de Pai André proporcionaram um contato próximo com as espécies madeireiras onde realizavam o manejo de acordo com a necessidade da sua utilização.

As espécies artesanais apresentaram como destaque *Crescentia cujete* L.(coité), *Triplaris americana* L.(novateiro), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. Es DC.) Mattos (piúva) e *Sapium oboratum* Klotzsch ex Mull. Arg.(sara-de-leite) , todos com 18,18%. O consumo dessas espécies artesanais que se destacaram eram basicamente para a produção de objetos como jarro, canoa, viola de cocho e mastro para a bandeira utilizada na festa de santo.

Dentre as espécies ornamentais se destacaram *Petiveria alliacea* L.( guiné) com 9,25%, *Ruta graveolens* L.(arruda) com 9,25%, *Dieffembachia amoena* L.(comigo-ninguém-pode) com 7,4% e *Sansevieria trifasciata* L.(espada-de-São-Jorge) com 7,4%.

Dentre as espécies místicas se destacaram *Petiveria alliacea* L. (guiné) com 21,73%, *Ruta graveolens* L.(arruda) com 21,73%, *Dieffembachia amoena* L.(comigo-ninguém-pode) com 17,39% e *Sansevieria trifasciata* L.(espada-de-São-Jorge) com 17,39 %. Podemos observar que os informantes fazem uma associação simbólica mesmo que de maneira inconsciente entre as plantas que são místicas e ornamentais. Segundo Souza e Guarim Neto (2010), sob o ponto de vista ecológico e cultural, esse comportamento apresentado se deve possivelmente ao fato de que as espécies apresentadas são de fácil cultivo e de relativa beleza ou, numa perspectiva antropológica, infere-se que o misticismo está presente na cultura humana, manifestando-se de diversas maneiras.

Dentre as espécies indicadas para sombreamento se destacam *Mangifera indica* L. (mangueira) com 12,82%, *Anacardium occidentale* L.(cajueiro) com 10,25%, *Sporobolus purpureus* L.(seriguela) com 7,69% e *Vitex*

*cymosa* Bertero (tarumeiro) com 7,69%. Com imensos quintais e com a mata ciliar em frente a suas casas uma das atividades mais praticadas na comunidade é uma roda de conversa debaixo das frondosas arvores e muitas vezes ao sabor de um delicioso fruto.

“ ...o pai plantou aquelas mangueiras do outro lado do rio....ficou de lembrança...”

(Morador, 72 anos)

### **6.2.2 O universo da fauna**

Nas exuberantes áreas verdes que seguem às margens direita e esquerda do formoso rio Cuiabá, especialmente na altura da vila de Pai André, a mata, em alguns pontos ainda densa, abriga uma vasta quantidade de espécies da fauna local que se comunicam entre as paisagens de cerrado remanescente e o cinturão verde, promovendo uma grande celebração de harmonia que enche os olhos dos ribeirinhos que vivem mergulhados dentro desse recanto de paz e tranqüilidade.

A fauna, nativa ou doméstica que é percebida ou que participa do mesmo espaço de vivência diária do ribeirinho e foi indicada pelos entrevistados se divide em quadros distintos de acordo com a sua classe ( mamíferos, aves, répteis e animais domésticos). (Quadros 1 ,2 ,3 e 4 ).

Os diálogos sobre a diversidade da fauna local foram reveladores e apontam para a necessidade de estudos mais detalhados sobre o real estado de conservação naqueles fragmentos naturais e que sofrem hoje uma pressão antrópica relativamente maior que no passado.

“ ... sicuri tava matando as galinhas... onça não tem, mas jaguatirica tem.... até hoje tem nesse baixadão... a capivara anda até aqui no porto, sempre a gente matava, mas era pra fazer gordura pra remédio, pra bronquite... agente comia também mas é mais pra gordura.... bronquite e catarro no peito..despectora....

... agora, ariranha tem bastante, tuiuiú, garça, biuá...tudo tem... cabeça-seca ... bom.... de bicho o que não tem é a onça jacaré tem pouco.... mas o que ficou tempo sem tê foi o veado... ele vinha de lá pra cá por causa das plantações ai acabou ...ele sumiu ...tá muito difícil de ver um ... o pessoal andaram matando ...acabou a plantação pele comê... agora esses outros bichos cê vê direto ... todo bicho atravessa ... o bugio as vezes quando quer mudar de setor eles atravessa....”

(Morador, 60 anos)

“ ... aqui tem gaivota, tuiuiú, garça... lá do outro ainda tem ariranha ... quando ela anda na ceva, sê não pega nenhum peixe... ela come tudo o peixe...anda de bando...

... agora capivara tem bastante... jacaré grande do amarelo daqui do rio Cuiabá ...por que tem o de barriga branca...”

(Pescador, 52 anos)

A relação entre os ribeirinhos e a fauna local acontecia de forma mais intensa na formação do vilarejo devido ao estado de conservação das áreas verdes e a menor pressão antrópica como resultado do baixo índice populacional da época. Esse contato permitiu maior interação com a natureza, que por sua vez ajudou a construir grande parte do saber local e que hoje é mantido na lembrança e nos relatos daqueles que presenciaram essa época de equilíbrio. Contudo ainda hoje a comunidade conserva a maneira de se relacionar com as espécies que ainda se mantém presente mesmo em menor quantidade e cuidam para que esse manancial restante seja protegido.

No passado grande parte dos mamíferos citados pelos informantes se apresentavam de forma mais abundante na região e por sua vez faziam parte do hábito alimentar da comunidade e também eram utilizados para a fabricação de remédio. Com o passar do tempo a pressão exercida pela atividade da caça, diminuição das áreas verdes, resultaram em desequilíbrio ecológico que por sua vez torna cada vez mais rara a visualização de algumas espécies como é o caso da onça pintada (*Panthera onça*) e do veado (*Ozotocerus bezoarticus*).

#### Quadro 1 - Relação dos Mamíferos citados pela comunidade

NOME POPULAR	ESPÉCIE
Ariranha	<i>Pteronura brasiliensis</i>
Bugio	<i>Alouatta fusca clamitans</i>
Caititu	Tayassu tajacu (L.)
Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>
Caxinguelê	Sciurus aestuans
Cutia	<i>Dasyprocta</i> sp.
Gato do mato	Leopardus tigrinus
Jaguatirica	<i>Leopardus pardalis mitis</i>
Lontra	<i>Lontra longicaudis</i>
Macaco da noite	Aotus sp.
Macaco prego	Cebus apella
Onça parda	Puma concolor
Onça pintada	Panthera onca
Paca	<i>Agouti paca</i>
Quati	Nasua nasua
Tatu	Dasypus Novencinctus
Tatu- bola	Tolypeutes tricinctos
Veado	Ozotocerus bezoarticus

O tamanho do terreno dos moradores da vila de Pai André são muito extensos, o que favorece a criação de animais domésticos de estimação e também aqueles que são criados para o abate contribuindo assim para o complemento da renda familiar como é o caso do porco (*Sus domesticus*) e da galinha (*Gallus gallus domesticus*).

### Quadro 2 – Animais domésticos

Cachorro doméstico	<i>Canis lupus familiaris</i>
Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i>
Gato	<i>Felis silvestris catus</i>
Pato	Anãs sp
Porco doméstico	<i>Sus domesticus</i>

A presença da mata ciliar e a riqueza a diversidade dos recursos vegetais dos quintais garante que seja possível a realização de uma das mais belas atrações naturais do vilarejo que fica por conta das aves ali presentes, pois é grande a diversidade das espécies e encantam a todos pelo colorido da plumagem e pela riqueza de sons emitidos, produzindo uma verdadeira sinfonia ao ar livre.

### Quadro 3 - Aves percebidas pela comunidade na região

NOME POPULAR	ESPÉCIES
Anu- branco	<i>Guira guira</i> Gmel
Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i>
Aranquã	<i>Ortalis canicollis</i>
Arara- azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>
Bem- te-vi	<i>Pitangus sulphuratus</i>
Biuá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>

Cabeça- seca	<i>Mycteria americana</i>
Cabeça- vermelha	<i>Paroaria dominicana</i>
Canário	<i>Basileuterus flaveolus</i>
Cardeal	<i>Paroaria coronata</i>
Ema	<i>Rhea americana</i> (L.)
Gaivota	<i>Phaetusa simplex</i>
Garça-branca	<i>Casmerodius albus</i>
Jacutinga	<i>Aburria cumanensis</i>
Japuíra	<i>Psarocolius decumanus</i>
João de barro	<i>Furnaris rufus</i>
João pinto	<i>Icterus croconotus</i>
Jurití	<i>Leptotila verreauxi</i>
Martim- pescador	<i>Chloroceryle aenea</i>
Mutum	<i>Crax fasciolata</i>
Papagaio	<i>Amazona aestiva</i>
Papagaio trombeteiro	<i>Amazona aestiva</i>
Pássaro- preto	<i>Molothrus oryzivorus</i>
Piriquito	<i>Brotogeris chiriri</i>
Pomba	<i>Columba livia</i>
Rolinha	<i>Columbina talpacoti</i>
Sabiá- laranja	<i>Turdus rufiventris</i>
Soldadinho	<i>Pyriglena leuconota</i>
Taiamã	<i>Phaetusa simplex</i>
Tucano	<i>Ramphastos toco</i>
Tucaninho	<i>Pteroglossus castanotis</i>
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i>
Unhuma	<i>Chauna torquata</i>

Devido as características da vegetação e proximidade com o rio a presença de bichos na rotina dos ribeirinhos é comum onde os mesmos tratam com naturalidade a sua presença, que é ainda reforçada no período de cheia do rio. Vale ressaltar que o aparecimento da sucuri nos quintais acontece com frequência devido a presença de tanques para a criação de peixes e surgem de uma baía que corta os fundos dos terrenos da vila.

#### Quadro 4 - Répteis citados pela comunidade

NOME POPULAR	ESPÉCIE
Boca de sapo	<i>Bothropoides matogrossensis</i>
Caninana	<i>Spilotes pullatus</i>
Cascavél	<i>Crotalus durissus</i>
Cobra cipó	<i>Chironius sp</i>
Corauzinha	<i>Oxyrhopus guibei</i>
Jacaré	<i>Caiman crocodylus yacare</i>
Jaracuçu do brejo	<i>Mastigodryas bifossatus</i>
Jararaca	<i>Bothrops jararaca</i>
Largato	<i>Tupinambis teguixim L</i>
Sucuri	<i>Eunectes murinus</i>

#### 6.2.3 Os quintais

O espaço ao redor das residências recebe a denominação de quintal por inúmeros grupos humanos. Embora com extensão territorial reduzida, reúne um acervo vegetal com intrincadas manifestações culturais, envolvendo a origem, manejo e utilização. Para vários pesquisadores o quintal é um local propício para a conservação da diversidade vegetal, dentre outros aspectos destacam: a alta diversidade e baixa densidade de espécies cultivadas. Isto tem contribuído para a conservação do patrimônio genético e

cultural das populações associadas a este (CARNIELLO e PEDROGA, 2008 pag. 45).

O conhecimento das plantas por uma comunidade faz parte da sua cultura e é transmitido de geração para geração, por isso encontra-se relacionado com sua história de vida. Existe, portanto, um grande tesouro do saber local por investigar e documentar antes que se perca para sempre (PASA,2007).

A organização do espaço da roça é expressa pelos conhecimentos, habilidades e estratégias vinculadas à cultura e o saber ambiental que a população expressa através de sua história e de suas atividades cotidianas ao longo desses anos de convivência com a natureza(PASA, 2007).

Olhares múltiplos devem ser direcionados para os saberes de comunidades humanas, instaladas em diferentes ambientes, ribeirinhos ou não, e cujas manifestações são percebidas após um contato mais próximo com seus moradores e estabelecimento de uma confiança mútua (SOUZA e GUARIM NETO, 2010).

Os quintais representam uma extensão da casa e um dos locais onde os moradores passam a maior parte do tempo realizando afazeres domésticos e cuidando de outras atividades que são desenvolvidas nesse espaço de manifestação da cultura, como podemos citar a criação de animais para o abate, como porcos e galinhas para a própria subsistência e para a venda em pequena escala, plantações de árvores frutíferas, plantas ornamentais e com significado místico, pequenas hortas e local ainda para a produção de tanques utilizados no cultivo de peixes o que é favorecida pela grande extensão dos terrenos que variam de um para o outro e que em media possuem as dimensões de 20x40 metros. Devemos considerar ainda que é local para o desenvolvimento de atividades culturais como a prática do siriri e cururu e dança de São Gonçalo representações tipicamente regionais. Como podemos evidenciar o quintal é espaço que representa muito para as famílias ali instaladas fazendo parte das suas representações mais íntimas e particulares necessitando que seja estabelecido um trato de confiança entre o

pesquisador e o entrevistado para que se possa adentrar em um espaço “sagrado” do morador que nesse caso permitiu com muita dedicação e desprendimento fosse revelada parte de sua história (Figura 19, 20, 21 e 22 ).



**Figura 19** - Criação de galinha do Sr. Davino Manoel  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 20** - Criação de porcos, prática comum  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 21** - Plantas ornamentais cultivadas em frente a casa  
(Fontes: SANTANA, 2012)



**Figura 22** - Canoa servindo de canteiro  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Um das atividades que estiveram ligados a história de muito trabalho e dedicação das famílias de Pai André é representada pela realização de plantações em frente as casas, utilizando-se das barrancas do rio e também, das áreas do outro lado do rio, margem esquerda onde se situavam os engenhos. A variedade dos cultivares eram grandes e representados por bananais, canaviais, legumes e também o cultivo de hortaliças que atendiam a demanda das próprias famílias ali representadas mas também a produção era vendida na antiga feira do porto de Cuiabá.

Com o passar do tempo essa atividade foi deixando de ser realizada de forma mais intensa como outrora marcada pela decadência das usinas de açúcar e conseqüente diminuição dos canaviais abalando a atividade nos engenhos, algumas comunidade ainda continuaram a produção de rapadura em pequena escala dando manutenção através dos tempos a sua cultura como podemos citar a comunidade de Bonsucesso. O mesmo não

aconteceu em Pai André que acabou na desocupação das terras do outro lado do rio, que segundo os moradores sofreu um processo de entrada de invasores que passaram a disputar o direito pelas terras. Como uma das características dos moradores da vila é de serem ordeiros e pacíficos não ofereceram muitas resistências e passaram a desenvolver suas atividades de cultivo focadas nas hortaliças para a subsistência e fazendo da pesca sua principal prática. Com o tempo o cultivo na barranca do rio foi sendo reduzida e passou a estar presente quase que somente nos quintais.

Hoje a atividade é bem reduzida não passando de pequenos canteiros e cultivadas dentro de canoas velhas e também em objetos da casa que não são mais utilizados e que passam a conter as pequenas porções das hortaliças. Quando perguntados sobre o cultivo das hortaliças nos terrenos dizem que hoje as pessoas quase não cultivam mais e que quem fornece é o Sr. Padavine como é conhecido o descendente de italianos, criado em Lindóia Estado de São Paulo onde aprendeu as técnicas de cultivo de várias espécies vegetais. Se encontra instalado rio abaixo a 1 km da vila já fazem 20 anos onde desenvolve uma pequena roça de 2.7 ha de cultivo variado de verduras, frutas e principalmente o “cheiro verde” como é conhecido pelos ribeirinhos. O Sr. Padavine que desenvolve a sua atividade a alguns metros da barranca do rio, agradece a Deus a oportunidade de ter conseguido se instalar nesse local próximo ao rio onde trabalha com a esposa e os filhos de sol a sol de segunda a segunda em uma carga horária grande apesar da sua idade, merecendo o destaque pela dedicação nessa atividade que simboliza os esforços de outros tempos de homens e mulheres de Pai André (Figura 56). A produção é dividida entre os moradores da vila e também abastece a feira do Fiotão em Várzea Grande.

“ O cheiro verde vende bastante quando tem o peixe...”

“ Aqui tem um povinho humilde..... um povo bom....”

(Sr. Padavine, 75 anos)

Rio abaixo também podemos encontrar uma pequena horta de subsistência que é cultivada pelo Sr. Lili que é pescador profissional e que representa um modelo de como acontecia no passado (Figura 23).



**Figura 23** - Pequena roça em frente à casa do Sr. Lili  
(FONTE: SANTANA, 2012)

### 6.3 O peixe e a atividade pesqueira

De acordo com Silva e Silva (1995 pag.12), a pesca pode ser classificada em três distintas categorias:

A pesca no rio pode ser classificada como de subsistência, profissional, lazer e predatória.

A pesca de subsistência é muito frequente no rio Cuiabá e constitui-se numa atividade de complementação da economia do ribeirinho.

A pesca profissional é aquela que é exercida com fins comerciais, cujas estratégias podem ser ou não aquelas consideradas predatórias, segundo os padrões da legislação federal e estadual e , que desaprovam o uso de alguns instrumentos.

A pesca de lazer é realizada principalmente nos fins de semana, durante os períodos de vazante e início da estiagem. É praticada por moradores de Cuiabá, Santo Antônio de Leverger e Barão de Melgaço bem como turistas de outras cidades e de outros estados. Geralmente os turistas locais são oriundos da “beira-rio” margens do rio Cuiabá e têm na pesca um vínculo com a sua origem. A maioria destes pescadores pratica a pesca de “barranco”, dique marginal no rio Cuiabá, embora haja um grande contingente de pescadores embarcados.

Um dos pontos que se tornaram evidentes na presente pesquisa foi o fato de que apesar de o rio Cuiabá estar sofrendo variadas pressões antrópicas como o lançamento de efluente urbano e em alguns pontos até o industrial, a retirada da mata ciliar, pesca predatória, dragagem do seu leito, enfim , os ribeirinhos demonstram claramente que não deixarão de desenvolver a atividade da pesca mesmo quando já não o faz de forma profissional, mas a cada saída para o rio os laços são fortalecidos, há um encontro com o fabrico da canoa que lhe serve, a confecção dos apetrechos, o encontro com a flora que lhe serve a isca para que possa tirar o seu sustento, os reencontros diários com seus companheiros abnegados na sua profissão de fé, e tudo se enreda

com o respeito às forças e caprichos da natureza, reflexo da memória viva que por sua vez acaba por minimizar os pontos negativos aos olhos do ribeirinho que se acostuma com a paisagem atual do rio e que indicam um sinal de alerta para o caminho da conservação.

*“ a água era limpa....era uma beleza....o pessoal aqui mexia só com água do rio agora não pode mexer, agora é só porcaria de esgoto que jogavam nele ....jogam tudo..... agora o peixe acho que é difícil ta contaminado, agora o peixe não come essas trezada .....*”

(Morador, 62 anos)

*“ ... se tiver água tem peixe....”*

(Morador, 64 anos)

*“ ninguém vinha aqui comprar peixe de tanto que tinha...todo mundo pegava...”*

(Morador, 63 anos)

*“ no ano de 96 manso segurou a enchente, veio até esse pau ai....mas só que eles que acabaram com o peixe também porque na época que o peixe é pra descer novembro, dezembro e janeiro ai seguram água lá e o peixe não desce para desovar e o rio não enche ....o peixe tem que rodar pra desovar e subir na época certa....até hoje se pega peixe que tem ova seca na barriga...”*

(Morador, 62 anos)

Como a atividade de pesca faz parte da história da comunidade, se configurando uma prática tradicional dos ribeirinhos, é recorrente na fala dos entrevistados os relatos sobre a diversidade de peixes no rio Cuiabá como pode ser observado no Quadro 5.

**Quadro 5- Ictiofauna percebida pela comunidade**

<b>Nome popular</b>	<b>Espécie</b>
Arraia	<i>Potamortrygon</i> sp.
Bagre	<i>Pimelodus ornatus</i>
Barbado	<i>Pinirampus pinirampu</i>
Cachara	<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>
Chimburé	<i>Schizodon borellii</i>
Curimba	<i>Prochilodus</i> sp.
Corvina	<i>Plagioscion ternetzi</i>
Dourado	<i>Salminus maxillosus</i>
Fidalgo	<i>Megalomena platanus</i>
Jiripoca	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i>
Jaú	<i>Paulicea luetkini</i>
Jurupensem	<i>Sorumbim lima</i>
Lambarí	<i>Astyanax bimaculatus</i>
Pacú-peva	<i>Piaractus mesopotamicus</i>
Pacupeva	<i>Mylossoma paraguayensis</i>
Peixe- cachorro	<i>Raphiodon vulpinus</i>
Pera	<i>Brycon microlepis</i>
Piau	<i>Leporinus friderici</i>
Piavussu	<i>Leporinus macrocephalus</i>
Pintado	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i>
Piranha	<i>Pygocentrus nattereri</i>
Rubafo	<i>Hoplias</i> Aff. <i>malabaricus</i>
Tambacú	<i>Colossoma macropomum</i> (fêmea) + <i>Piaractus mesopotamicus</i> (macho)

Com o passar dos anos e o aumento das pressões antrópicas sobre o rio Cuiabá os efeitos negativos são sentidos pelos ribeirinhos com a diminuição do pescado, mas em sua memória o pescador guarda a lembrança dos tempos de fartura :

*“ ...dourado não tem mais, peraputanga tá sumindo ...”*

*“ antigamente era com rede de arrastão, rede de mais de 100 metros...atravessava o rio...ia lá laciava assim e puxava dos dois lados de canoa e vinha puxando...nessa época tirava quatro mil, cinco mil pacu...”*

(Pescador, 60 anos)

Existem na comunidade 4 pesqueiros, mas que segundo relatos já foram bastante cobiçados por pessoas que praticam a pesca amadora nos finais de semana. Se no passado representava um ponto de interação, um atrativo a mais para o turismo local hoje é necessário levantar alguns questionamentos para que se obtenham respostas que possam estimular novamente a manutenção da cultura local.

A diminuição do estoque pesqueiro pode ser um dos pontos que levaram ao esvaziamento das barrancas do rio.

*“ ..... hoje ninguém pego....teve um rapaz que pescou a noite inteira e não pegou nada..... porque é assim um dia tem e o outro nada..... agora esses dias que subiu bastante lambari tinha bastante pintado .....tava bom pra pegar...é isca pra ele.... Quando o lambarzinho sobe ai ele acompanha é a alimentação dele..... giripoca esses dias o rapaz pegou 15 giripoca.... quando foi sexta ele já voltou “bestiou” não pegou “*

( Morador, 60 anos)

Se encontra instalada na comunidade a Cooperativa de pescadores e artesãos Pai André e Bonsucesso – Projeto COORIMBATÁ que possui a sua sede em um lugar onde antes era chamado de “Céu” pelos moradores. Alguns moradores são associados e trabalham no beneficiamento de peixe e também iniciaram o trabalho com a carne de jacaré, bem como o fornecimento de húmus de minhoca. Se sabe que a mesma encontra-se hoje desativada a mais de 1 ano, o que é muito ruim devido ao reforço no orçamento das famílias associadas e também pelo aumento da auto-estima por ser uma atividade que dava um novo ânimo para a comunidade.

Outra atividade que é comum entre os moradores de Pai André é a criação de peixe em tanques no fundo de seus quintais como maneira também de complemento de renda. Se preparam para atender principalmente a época de semana santa, pois a procura pelo peixe aumenta muito e o rio já não suporta essa pressão. Agora o pescador ressalta que um exemplar pego no rio vale por dois de tanque (Figura 24).

*“ Sempre teve bastante tanque e quando o rio estava bastante cheio com bastante peixe pegava e colocava nos tanques para vender depois da cheia na semana santa”*

(Morador, 60 anos)



**Figura 24** - Tanque de peixes no quintal do Sr Nelson O. Magalhães  
(Fonte : SANTANA,2012)

A comunidade de Pai André tem na pesca (Figura 25 e 26) a sua principal atividade tradicional que atravessou gerações e ainda insiste na perseverança dos pescadores que encontram todos os dias quando estão na canoa em meio ao rio, seus antepassados suas histórias e sua infância. A manutenção desse saber instalado passa pela transmissão das técnicas que envolvem a atividade pesqueira bem como a preparação dos apetrechos, e confecção de canoa que antes era feita de um “pau só”, diretamente no tronco da árvore como é o caso da piúva ), *Handroanthus impetiginosus* (Mart. Es DC.) Mattos hoje é feita de 4 “paus” como se diz entre os pescadores. Contudo os pescadores se organizam através da colônia Z-14 Beira Rio onde são representados e onde recebem orientações e atualizações sobre a legislação vigente que regem a atividade pesqueira no Brasil, no Estado de Mato Grosso e no Município de Várzea Grande.



**Figura 25** – Pescadora mostrando a riqueza do rio Cuiabá.  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 26** - Habilidade nata do pescador  
(Fonte: SANTANA,2012)

#### 6.4 Aspectos culturais

A comunidade construiu com o tempo um sentimento de amizade e de fraternidade fruto dos relacionamentos que ali acontecem e que são estimulados pela fé estabelecida no contato com a Divindade e materializado pelo sincretismo religioso que por sua vez está presente através das Igrejas Protestante e Católica. Quando da sua fundação, segundo dona Cassilda Maria e Silva de 78 anos, evangélica fervorosa, lembra que “o Pastor Eduardo andava de barco pregando o evangelho e muitos foram aceitando, se tornando Protestantes, foi quando seu Honório Honorato de Magalhães aceitou”, como Ubaldo Monteiro (1987), relata pontuando que o mesmo era o chefe da igreja protestante dando o primeiro passo para a construção da Igreja. Dona Cassilda continua, dizendo que “depois passaram muitos pastores, presbíteros, diáconos e evangelistas para outros estados todos filhos da terra”. Assim muitas famílias protestantes que sempre contribuíram para a manutenção da fraternidade no local e que até hoje está presente na vida da comunidade e dando destaque para o convívio pacífico entre outros profissionais de fé. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, teve seu início simples passando com o tempo por transformações e hoje é uma igreja que representa os esforços dos fiéis na sua construção e prática religiosa (Figura 27).



**Figura 27** - Primeiro templo de oração de Pai André  
(Fonte: SANTANA, 2012)

A outra parcela de religiosos é representada por católicos que se reuniam em grupos onde os encontros se revezavam na casa dos fiéis. A falta da igreja despertou o interesse de que fosse construída a igreja, onde dona Maria Amorim assumiu esse compromisso fazendo reuniões, buscando com muita fé manter essa bandeira de fé, o que resultou na conquista de um terreno que fora doado para a construção, seguidas de muitos mutirões e movimentados pelas várias promoções festivas que realizavam até atingirem esse objetivo .

A comunidade é devota do Imaculado Coração de Maria, que todos os anos no mês de junho é homenageada através de uma festa religiosa que começa com a procissão ao alvorecer passando pela rua principal, ao som de fogos de artifício, convidando os fiéis para a missa que é seguida pelo rito de levantamento do mastro e finalizando com a tradicional peixada atraindo muitas pessoas de Cuiabá e Várzea Grande (Figuras 28, 29, 30, 31 e 32).

A Comunidade Católica do Bairro  
Pai André convida a todos a  
participarem da festa da padroeira

# IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Procissão: dia 17/06/12 às : 09:00 hs  
Missa : dia 17/06/12 às : 10:00 hs

O almoço será realizado no dia  
**17 de junho de 2012** das 12:00 as 14:00hs.  
Cardápio: Peixe Frito, arroz branco  
salada e mandioca.

## MUSICA AO VIVO e AÇÃO ENTRE AMIGOS

Apoio:

Tornearia e Fresadora  
**PAMPA**  
de Torção, Fresca e Soldados em Geral

Fone/Fax:  
(65) 3684-3300

**GRÁFICA  
MATO GROSSO**  
3682-2781

**Figura 28** - Convite para festa da padroeira  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 29** - Procissão convidando os fiéis para a missa  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 30** - Procissão chegando à Igreja  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 31** – Rito de levantamento do mastro  
(Fonte: SANTANA, 2012)



**Figura 32** - Emoção na festa com a chegada da Santa- Imaculado Coração de Maria (Fonte: SANTANA, 2002)

No passado a atividade cultural era representada com bastante intensidade através das Danças de São Gonçalo, e o siriri e cururu que acontecem com menos regularidade mas ainda servem ao seu objetivo de integração dos moradores em torno da arte regional e também em forma de reviver emoções que ficaram registradas na memória das famílias e sua origem.

Os artesãos também tiveram sua representação quando da fabricação das canoas e da famosa viola de cocho. No presente, o pescador aposentado, Sr. Adelino Fernandes Amorim, desenvolve artesanato a partir de folhas de papel, confeccionando chapéus, cestas e outros (Figura 33).



**Figura 33** – Sr. Adelino mostrando o artesanato que desenvolve  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Pai André sempre foi um lugar tranquilo favorável para a prática de brincadeiras de vários tipos e que hoje estão se perdendo e também a prática de esportes era intensa onde desde criança nadavam no rio e a atividade mais desenvolvida era representada por um time de futebol “Comercial de Pai André que tinha como presidente a Dona Roxa (Figura 34 e 35).



**Figura 34** - Time Comercial de Pai André- década de 80  
(Fonte: Acervo particular de Dona Roxa)



**Figura 35** - Meninos brincando de bola.  
(Fonte: SANTANA,2012)

Os valores culinários podemos nos inspirar com as descrições dos cardápios de muita tradição que Dona Roxa encantava sua família:

*“...peixe assado, cozido, ferventado, batata frita.....e mandioca...”*

*“ ...carne com mandioca..... arroz.....”*

*“ ...fazia pirão....cozinhava o peixe.....”*

*“ ...tem a mágica e tem o pirão e só o caldo do peixe.....”*

*“... cozinhava o peixe cachorro....pegava o caldo e fazia o pirão e comia com arroz.....”*

*“ ... farofa de banana....”*

*“ .... a banana que ocê fritava com o óleo de lambari ficava bem frito.... ficava amarelo....torradinho.....”*

*“ garapa docinha coava ele, desce o tacho fica uma espuma ....puxa puxa.....”*

*“....panhava mandioca e punha pra cozinhar no melado.....”*

*“... pega a abóbora faz um buraco nele tira a semente e depois enche de rapadura e colocava pra assar...”*

(Dona Roxa, 69 anos)

A composição étnica matogrossense, tornou-se visível. A mistura das culturas e costumes hispânicos-européias africanas e indígena que formam os matogrossenses o embrião de uma miscigenação tipicamente nacional. A mistura é visível tanto no religioso quanto na gastronomia (culinária). A culinária varzeagrandense com seus traços herdados dos nossos ancestrais que utilizam ingredientes típicos da região como: o peixe, a banana, o milho, a carne seca(carne de sol), polvilho de araruta(feito pelos ribeirinhos) (FAUSTINO e CAMPOS, 2010 p.74).

Quando se trata das histórias e evocações místicas por parte principalmente dos pescadores podemos dizer que as lendas completam o manancial tradicional dessa comunidade que tem sua história confundida com a do rio. Vale a pena conhecer algumas destas histórias:

*“ um dia saiu na nossa frente numa base de 30 metros... saiu afundou tornou aparecer, aí quando afundou... levantou aquela folharada seca e começou a borbulhar tudo agora o pessoal fala que é o minhocão aí sumiu mas já deu carreira em muita gente..... aí bem naquele fundo ....ai se vai pescando ali tem um buraco se vai indo quando acerta o buraco e a chumbada pedi linha aí se libera linha pra ele....acho que era a morada dele agora não sei pra onde que ele foi, só sai folha seca ...saí aquele tufo...fica fervendo...esse ai que faz aquela praia ali de tanto ele jogar aquele tufo que cresceu aquela praia agora já tem uns dois anos que não vê mais....”*

(Morador, 60 anos)

*“ ... eu tava pescando quando de repente veio aquele canoão grande rodando e meio que encumpridou.....eu já ia levar a mão nela quando lembrei que meu pai falava que não era pra eu mexer com nada que agente não conhece e então foi que vi certinho um mussum ...certinho o couro dele...igualzinho um mussunzinho....era o minhocão ....ai veio aquela onda e bati remo no barco ....quase que não consegui chegar...”*

(Morador, 67 anos)

*“ ... aconteceu que sempre uma pessoa tava pescando e alguma coisa arrastava a canoa que até abaixava a parte de trás da canoa até um lugar que chamava poço... isso foi uma umas três vezes ai soltava...ele subia com a canoa e de novo pela linha puxava... olha dentro desse rio tem mais ser vivente do que fios de cabelo no seu cabelo...”*

(Morador, 57 anos)

*“ ...o negro ... esse daí existiu muito.....esses últimos tempos o negrinho apareceu ai... quando chove e o rio começa a encher aí ele fica alegre ...”*

( Morador, 87 anos)

As águas do rio Cuiabá também são cercadas de perigos por sua profundidade e correntezas fortes, por animais tidos como perigosos, como jacarés, piranhas e arraias, e de encantamentos que permeiam o imaginário desses pantaneiros e perigos esses que são contados aos mais jovens para que respeitem o ambiente do rio Cuiabá funcionando como reguladores na conservação e uso da biodiversidade (VIANA *et al.*, 2012).

Pai André ainda conta com um cemitério que é datado desde a fundação da vila, onde se encontram os despojos dos grupos familiares que aqui residiram deixando seus descendentes e muita saudade(Figuras 36).

*“ .... até as pessoas que já saíram de Pai André não perdem a ligação ..... quando da fatalidade são enterradas aqui ainda....”*

(Moradora, 50 anos)

*“ ..... quando velavam alguém a criançada ia toda para a frente da casa e brincavam a noite inteira.... era um momento de encontro das pessoas.....” era aquela moçada e rapaziada... no escurecê saia janta e mais a noite saia chá....merenda pro pessoal .....o enterro saia na parte da manhã e tudo enterrava lá... e era assim...o pessoal bebia... agente coloca moeda no cruzeiro do cemitério.....”*

(Moradora, 70 anos)

“



**Figura 36** - Cemitério localizado a 3 km da vila de Pai André  
(Fonte: SANTANA,2012)

Segundo Januário (2006. p.166), quando ocorre o falecimento de algum integrante da comunidade, os ribeirinhos reúnem-se imediatamente para organizar o velório, ou seja, ocasião em que irão passar à noite em claro

guardando o morto. O velório é o espaço que envolve a tristeza e a alegria, a situação em que se altera a rotina de boa parte da comunidade. No velório relembra-se com pesar as virtudes e os feitos da pessoa falecida que, de algum modo, esteve presente na vida de cada morador da comunidade. É o momento em que, saudosos, recordam das façanhas e do “tempo bom que não volta mais”. É o instante em que afloram os “causos”, em que se estreitam os laços de solidariedade e realizam antigas cerimônias religiosas.

A cada olhar novo percebe-se que se descortina uma nova Pai André no olhar de quem vem de fora, é o passado e o presente se misturando entre o relato e a realidade, dos tempos das praias que lotavam de turistas, dos campeonatos de futebol, das crianças no campinho, das muitas embarcações e da canoa solitária, época de sentar na porta das casas e contar os “causos”, as lendas, a culinária e do orgulho de ser de Pai André.

“ ... esse morro daí devia de se chamar morro de Pai André...”

(Morador, 87 anos)

### **6.5 Percepção ambiental da comunidade**

“ tem reclamação por toda a parte” a água era limpa fazia tudo com ela .....até bebia....

(Moradora ,69 anos)

O mesmo rio que garante o trabalho e o sustento de muitas famílias ribeirinhas recebe, também a triste função de abrigar os dejetos do restante da população (ROMIO, 1999).

Uma análise das causas que estão levando estas atividades a desaparecer e das implicações decorrentes da sua extinção passa

necessariamente pela alteração das formas de vidas tradicionais pela modificação do sistema econômico, esgotamento de recursos naturais, crescente dependência do mercado de bens e ainda pelo processo de concentração de terras que está ocorrendo nas margens do rio Cuiabá, empobrecendo a população (SILVA e SILVA,1995)

No ano de 2006 análises realizadas pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente revelam que a qualidade da água do rio naquele ponto da comunidade de Pai André estava considerada imprópria para banho. Com isso a moradora Cleonice Silva que fez parte de uma reportagem onde aparecia tomando banho no rio Cuiabá com o seu neto fala sobre o acontecimento (Figura 37):

“ A minha avó falava que em água corrente nunca pega doença”

“ a minha história tudo passa pela água”

( Dona Cleonice, 58 anos)



**Figura 37** – Reportagem aponta água do rio em Pai André imprópria para banho. (Fonte: SANTANA, 2012)

A comunidade já passou por vários eventos de cheia do rio Cuiabá e se adapta a esses eventos como os que ocorreram em 1995 e 2007 como evidenciado na figura 38.



**Figura 38** - Enchente de 2007 : pesceiro do Vivi  
(Fonte: Acervo particular do Sr. Antônio)

O conjunto dos símbolos presentes nas variadas atividades realizadas pelos ribeirinhos nos relacionamentos, práticas profissionais e sociais o contato com a natureza na figura dos animais da região principalmente o peixe, seu ganha-pão, a mata ciliar que regula o clima local, mantém o rio e serve como uma farmácia, permitindo a apreensão dos valores que possuem para a manutenção da vida na comunidade e da mesma forma que são capazes de identificar os pontos que põem em prejuízo ambiental todo esse manancial.

Identificam o desmatamento da barranca do rio, o controle do fluxo de água que a Usina de Manso realiza, pesca predatória, o esgoto urbano que é lançado rio acima, o lixo jogado nas barrancas e no próprio rio, atividade de dragagem que além de causar prejuízos a calha do rio ainda solta óleo no rio como os principais impactos ambientais negativos encontrados na região (Figura 39).



**Figura 39** - Draga móvel em atividade no rio Cuiabá  
(Fonte:SANTANA,2012)

Ações por parte das autoridades ambientais, tais como fiscalização e cumprimento de Termo de Ajustamento de Conduta-TAC vem ajudando na coibição de práticas que tragam algum prejuízo ambiental para a localidade:

*“ fora da medida não pega se não a fiscalização toma das pessoas ai na estrada”*

*( Pescador, 60 anos)*

*“ ... esse local foi reflorestado com 200 mudas de Ipê-roxo e outras e para ajudar a plantar vieram ....estudantes, crianças do colégio, professores e até juiz estavam no meio.... todo mundo foi com a mão na massa...antes nesse local tinha um canavial foi mandado arrancar tudo para fazer o replantio com espécies nativas. “ coloquei por minha conta uns pé de caju, goiaba e eucalipto. Plantaram unha de vaca, jatobá, figueira.... essa mata ai foi plantada em um dia... nesse dia trouxeram até presidiários para fazer os buracos...”*

(Mulher, 54 anos)

O envolvimento da sociedade local nas questões ambientais passou a ser estimulado. Noções de divisão de responsabilidades e de complementaridade entre as competências federais, estaduais e municipais ganham importância, acompanhadas de discursos sobre o papel dos diversos atores sociais na reformulação das políticas públicas e no re-ordenamento das demandas setoriais e regionais ( CUNHA e GUERRA, 2005. pag. 52). Os autores ainda comentam que as políticas voltadas para a adoção de medidas de cunho normativo foram as que mais evoluíram no Brasil e iniciativas governamentais foram articuladas nos campos da gestão dos recursos hídricos manejo florestal controle da poluição, prevenção e combate a incêndios florestais, capacitação para o planejamento e uso da terra e promoção de ações de educação ambiental.

O combate a muitas dessas situações instaladas na região pode ser amenizada utilizando-se dos esforços coletivos para o desenvolvimento de ações poderiam movimentar a engrenagem da conservação local e de consequências globais, terreno fértil para a prática da Educação Ambiental.

## **7. CONHECIMENTO AMBIENTAL REVELADO PELA COMUNIDADE PROPÍCIO PARA A PRÁXIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Conviver com a comunidade de Pai André mesmo que de maneira momentânea, nos permitiu apreender a sutileza que existe nas redes de relacionamento e como ocorre, de maneira dinâmica, a troca de informações sobre aquilo que dá sentido à vida em um determinado grupo .

A maneira como se relacionam entre si, o contato com os fatos históricos, as decodificações dos sistemas naturais, a força da religiosidade, a alegria em conviver, o conhecimento adquirido na infância e usado até hoje, a confiança que é capaz de mudar muitos panoramas de alteração ambiental, fornece subsídios que permite propor alternativas viáveis para que cada vez mais possam ser desenvolvidas ações de educação ambiental que estimulem a prevenção e o combate à degradação ao meio em que vivemos.

Para que fosse possível sugerir com mais propriedade uma alternativa viável de sensibilização ambiental, foram elaboradas duas vivências e desenvolvidas juntamente com a comunidade, que nesse caso fora dividido em 2 grupos alvos :

Grupo 1 – Crianças de 4 a 6 anos do ciclo fundamental do ensino da Escola Municipal Zeno de Oliveira.

Grupo 2 – Todos os entrevistados e aberto para a comunidade.

- Fazer uma dinâmica com as crianças de Pai André e os adultos que responderam as perguntas bem como outros que quiserem participar.

### **Atividade do Grupo 1**

Local : Escola Municipal Vereador Zeno de Oliveira

#### **1. Técnica de pintura individual:**

**Objetivo:** Conhecer a percepção das crianças sobre o meio-ambiente em que vivem.

**Materiais:** lápis de cor, giz de cera, canetinha, tinta guache, papel sulfite A4, cartolina, fita crepe para fazer o varal dos desenhos, barbante, cola, tesoura.

**Tema 1** com o tema “ Natureza Viva de Pai André ” e permitir que registrem através da pintura como vêem a natureza de Pai André (rio, plantas, animais)

Faixa etária : crianças entre 4 e 6 anos

**Tema 2** com o tema “ Como eu vejo Pai André ” e permitir que registrem através da pintura como veem o lugar e suas interações entre a vida do homem e a sua relação com a natureza.

Faixa etária : crianças entre 4 e 6 anos

## 2. Técnica de maquete coletiva:

**Objetivo:** Conhecer a percepção das crianças sobre o meio-ambiente em que vivem através da montagem de maquete

**Materiais:** Folha de Isopor, EVA na cor marrom, azul, preto, verde, amarelo, pessoas(crianças e adultos), casas, ônibus, árvores, pássaros( tucanos, tuiuiú, garça), jacaré, cobra, capivara, peixes, cachorro, gato, cavalo, etc. e morro de Santo Antônio.

**Tema 1** com o tema “ Natureza Viva de Pai André ” e permitir de forma livre que montem a natureza de Pai André (rio, plantas, animais).

**Tema 2** com o tema “ Como eu vejo Pai André ” e permitir que de maneira conduzida através da montagem da maquete reconstruam o local onde vivem

## 3- Técnica “contando história” :

**Objetivo:** Através da técnica de contar história chamar a atenção para a proteção da natureza estimulando darem suas opiniões sobre a história da “Árvore que não conseguia respirar” com o auxílio da “Televisão Verde” (uma caixa de

papelão que foi preparada e caracterizada de forma artesanal de modo que ela rodasse a historinha.

### **Tema- 1 “ A árvore que não conseguia respirar”.**

Local: Aconteceu na Chácara do seu Vivi

#### **Grupo 2- Adultos**

- Fazer uma roda com todos e iniciar uma fala sobre a importância da união da comunidade para que o ambiente possa ser conservado e as gerações futuras possam desfrutar das riquezas que eles desfrutaram um dia.
- Fazer uma atividade de descontração.
- Logo em seguida apresentar imagens representando a fauna, flora, pesca, caça, rio, mata de galeria, plantas, poluição, desbarrancamento das margens, cultura siriri-cururu, crianças e amizade e dizer qual a importância da imagem e relacioná-la com o meio-ambiente local.
- Mostrar o resultado do trabalho com as crianças através de uma apresentação em *power point* com trilha sonora e que mostre o resultado com as crianças na escola recheados de frases chaves sobre a importância da transmissão dos valores locais para as crianças que são o futuro do local.
- Realizar o fechamento ligando as duas atividades desenvolvidas e a importância das duas gerações trabalharem juntas.
- Convidar a todos a fazer o plantio das mudas de plantas nativas.

- Montar uma mesa com alimentos para o tradicional chá-com-bolo promovendo a confraternização.

## **Resultados:**

A sala de aula apresentava 20 alunos. (de 4 a 6 anos)

### **Grupo 1**

Ao iniciar a aula já tivemos uma recepção calorosa, pois as crianças não se prendem a padrões o que permite trabalharmos sem bloqueios. Nos apresentamos e foi falado para a turminha alguns princípios básicos sobre meio ambiente (natureza), mas sempre tomando o cuidado com a linguagem que iríamos usar para que pudéssemos transmitir a mensagem.

É importante salientar que a professora acompanhou a atividade o tempo todo e fez abordagens necessárias quando ocorria a quebra da comunicação.

A turma é muito comunicativa e falaram o que já sabiam sobre a natureza e podemos destacar : a importância do sol, da água e que devemos cuidar da natureza.

Logo em seguida acompanharam a história sendo contada e todos muito curiosos, uns já querendo intervir na história que dentro do seu enredo trata uma árvore que não conseguia respirar na cidade por conta da fumaça dos automóveis e resolve pegar a sua mala e fugir para um lugar mais saudável, e eis que ela encontra uma campina muito linda e resolve morar ali, só que de repente aparece um lenhador e resolve cortar a árvore e para sorte da pobrezinha haviam algumas crianças brincando ali por perto e resolveram agir como fiscais da natureza e foram conversar com aquele senhor. Conclusão convenceram ele a não mais cortar a árvore e todos terminaram sentados em sua sombra desfrutando de deliciosas maçãs que ela estava produzindo (Figura 40).



**Figura 40** - História contada pela TV Natureza  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Tema melhor não poderia ser trabalhado, pois eles vestiram a camisa antes mesmo de passarmos a conclusão e resolveram eles todos ao mesmo tempo fazer seu comentário o que foi muito produtivo pois pudemos relacionar a personagem da história com as árvores de Pai André.

Partimos para a série de pinturas o que ocorreu de forma tranquila e permitindo que pudéssemos conduzir os temas propostos auxiliando, é claro, a todos os pedidos de intervenção e ajuda que se fizeram necessários (Figura 41). Todos os alunos participaram e puderam experimentar um momento coletivo de criarmos e recriarmos a natureza que a todo instante é prejudicada pelo adulto que não aprendeu a transformar as coisas criando, mas sim a criar destruindo.



**Figura 41** - Natureza : um tema que gostam de trabalhar.  
Fonte: SANTANA: 2012)

Finalmente como era do desejo de todos que mantinham-se muito curiosos por conta de toda a estrutura que levamos para a montagem das maquetes, iniciamos trabalhando o tecido a simular um lençol onde tínhamos a cor marrom (terra), verde (plantas), azul ( água) e após estendida a primeira cor marrom sugestivamente foram indagados sobre qual seria a próxima camada e o que ela representava(Figuras 42). A atividade foi um sucesso pois foram até a etapa de colocarem os animais, criando um ambiente natural sem os símbolos materiais que marcam a presença do homem em um ambiente.

Assim, após realizada a contextualização foi feita uma pergunta a eles que não tardaram a completar:

Agora que criaram um lugar de natureza o que estaria faltando?

A resposta não tardou..... AS PESSSOOAAaaasss !!!!!



**Figura 42** - Paisagem construída por todos  
(Fonte: SANTANA, 2012)

E com isso começamos a terceira e última etapa com as crianças, que era construir uma maquete do vilarejo de forma que o passo a passo saísse das casas em sentido ao Morrinho (Figura 43). Ficaram todos muito eufóricos para poderem participar do processo de montagem, atividade foi organizada para atender a todos e o que se notou foi que a técnica de ampliar a visão, como se estivéssemos vendo Pai André de cima de um avião, deixa uma mensagem para as crianças de que ela faz parte de um todo que cada qual tem o seu papel e função bem definidos e mais ainda reforça todos os

conceitos possíveis para aquela comunidade que o ambiente necessita ser saudável e vivendo todos de forma harmônica. Ao terminar foi realizada a contextualização, dando por encerrada a atividade de educação ambiental com as crianças. Mas o melhor estava por vir: muitos abraços e a felicidade de ver o brilho nos olhos deles, e mais o convite para “vir de novo”.

Toda essa atividade não custou nada à instituição inclusive todos os materiais foram doados para que pudessem usufruir em novas atividades. Tivemos notícia que logo no outro dia convenceram a professora a fazer novamente o processo de montagem.



**Figura 43** - Trabalho realizado é hora de contemplar  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Conclusão (Grupo 1): Foram trabalhados todos os pontos possíveis e adequados para a faixa etária das crianças e o saldo nós acreditamos foi ter exercitado uma forma de contextualizar de forma lúdica situações reais como o tema do desmatamento, poluição urbana, crimes ambientais, sentir a percepção ambiental que cada um possui e de forma diferente.

## Grupo 2

Das 22 pessoas convidadas para participarem da atividade e outras a quem também foi estendido o convite, somente compareceram 9 pessoas ao todo, 6 adultos e 3 crianças. A atividade de Educação Ambiental não é um trabalho fácil, tema esse que acabou passando pela análise do grupo que chegou a conclusão de que deve haver perseverança para alcançar os objetivos, é um verdadeiro trabalho de “formiguinha”.

Após as falas iniciais realizada a apresentação de Slides contendo o resultado do trabalho com as crianças e também uma sequência de imagens que foram feitas durante o período da pesquisa, entre elas muitos pássaros, natureza contemplativa.

Assim foi realizada a discussão do tema proposto que se passava pela necessidade de estreitar os laços entre as gerações mais antigas e as mais novas que são a chave do futuro, viram também que é muito mais fácil trabalhar com atitudes de prevenção do que esperar o prejuízo ambiental acontecer, e que tal qual a lição aprendida com as crianças é necessário sejamos ativos e unidos na causa ambiental que atinge a todos indistintamente (Figura 44).



**Figura 44** - Falando sobre a importância da coletividade  
(Fonte: SANTANA,2012)

Logo em seguida foi realizado o exercício de visualização onde era mostrado um personagem da natureza e todos poderiam dar a sua opinião. Os diálogos foram bastante produtivos e revisitar conceitos ambientais trouxe a tona um turbilhão de ideias que podemos utilizar primeiramente para fazermos a nossa parte e depois mobilizarmos aqueles que estão ao nosso redor. Havíamos planejado atividades outras como, por exemplo, a linha do tempo com o auxílio das cartolinas e giz de cera..... mas em função do tempo foi realizado a conclusão do tema central que era a tomada de atitude diante dos enfrentamentos que as questões ambientais passam hoje.

Foi realizado um plantio simbólico de 20 espécies que se dividiam entre, sarã, aroeira, genipapo e ingá. (Figura 45).



**Figura 45** - Unidos em um mesmo ideal  
(Fonte: SANTANA, 2012)

Finalizamos com o tradicional chá- com- bolo.

Acreditamos que realmente o poder transformador caminha lado a lado com o bom senso e a perseverança para descobrirmos qual a melhor forma de contribuir. Entre as discussões ideias que podem fazer a diferença como por exemplo criar um grupo para discussão dos temas , que seja pelo menos 1 vez ao mês, outro ponto é o mutirão de limpeza das margens que podem ser articulada com a participação das crianças .

Essa modalidade de estudo, pesquisa-ação tem o propósito de compartilhar saberes produzidos pelos diferentes sujeitos envolvidos no processo de educação e pesquisa onde aqui os participantes deixam de ser os “objetos” de estudo para serem pesquisadores, produtores de conhecimentos sobre a sua própria realidade. Os temas de pesquisa têm um importante papel nesta metodologia ao invés de serem tratados com objetivos em si mesmos,

transformam-se em temas geradores de conhecimentos sobre a realidade em estudo, construídos participativamente (REIS, 2005).

Segundo Ferreira (2010.p.29), a intenção maior da oficina temática é utilizar o contexto local como ferramenta de motivação, de mobilização e democratização dos serviços do ecossistema, em especial aqueles relacionados com o rio e a terra nas comunidades ribeirinhas.

## **8. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A realização de uma pesquisa que tem como ponto central a busca por conhecer o saber local de uma determinada comunidade não representa tarefa das mais fáceis, devido ao grande universo que se descortina nas fronteiras do pensamento e da prática ambiental que o outro vive intensamente na proposta de agir conforme lhe foi transmitido no passado que desperta saudades dos tempos idos e dos seus momentos de mais sublime alegria por ter encontrado na simplicidade a harmonia.

Entender as relações existentes entre o homem e a natureza denota a capacidade de caminhar por uma linha fina que compõe o tecido da vida do homem e suas representações, pontos de referência que nos levam até a porta da consciência, santuário da sua essência.

Todos os encontros e desencontros na malha de relacionamentos dentro da comunidade geram respostas às mais diversas indagações sobre as questões ambientais que mais carecem de soluções sobre qual o melhor caminho para chegarmos à tão esperada conservação dos valores transmitidos de um para o outro em várias gerações.

Através da presente pesquisa foi possível evidenciar que a comunidade de Pai André ainda mantém os seus laços com o passado, mantendo firme o ideal de vida que emerge todos os dias na relação que mantém com a flora e fauna local, espaços de convívio, representações da cultura, práticas de subsistência, denotando a transmissão do conhecimento tradicional passado de geração para geração, a relação de respeito com a natureza que serve de berço e de repouso dos grupos familiares e principalmente demonstra grande relação de interdependência com o formoso rio Cuiabá.

Outro ponto importante a ser destacado vem a ser os esforços que a comunidade vem realizando para que possa resgatar a interação social tão significativa no passado e que agora é inspirada novamente pela devoção religiosa, pelo desabrochar das crianças e jovens ali presentes, mas sob o olhar carinhoso das gerações mais experientes.

Os subsídios gerados na investigação da história da comunidade de Pai André revelam a necessidade da manutenção dos valores tradicionais que poderão se perder deixando uma lacuna no seio da comunidade, pondo em risco a integridade socioambiental do vilarejo.

Muitas são as pressões que advém do mundo externo e que geram desajustes no modo de viver e influenciam a mudança de comportamento dos mais novos e a Educação Ambiental pode prestar um serviço muito importante a todos que ali residem pois conduz ao repensar atitudes, rever ações e tomar decisões acertadas para que haja tempo de resgatar o que a comunidade possui de mais verdadeiro que é a sua identidade tradicional.

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta bot. bras.** 16(2): 189-203, 2002.

AZEVEDO, E.S. Aspectos éticos específicos na pesquisa com seres humanos: da apropriação do conhecimento à invasão da privacidade. In: **Anais do I Encontro Baiano de Etnobiologia e Etnoecologia**, 22 a 24 de setembro de 1999/Organização: Eraldo Medeiros Costa Neto, Francisco José Bezerra Souto. Feira de Santana UEFS, 2001 190.

BARROS, L.T.L.P. Caracterização da cobertura vegetal. In: FIGUEIREDO, Daniela Maimoni de; SALOMÃO, Fernando Ximenes de Tavares (Org.). **Bacia do Rio Cuiabá: uma abordagem socioambiental**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. 216 p.

BERNARD, H.R. **Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches**. Walnut Creek: Altamira Press, 2002.

BORBA, A. M.; MACEDO, M. Plantas medicinais usadas para a saúde bucal pela comunidade do bairro Santa Cruz, Chapada dos Guimarães, MT, Brasil. **Acta bot. bras.**, São Paulo, v.20, n.4, p.771-782, 2006.

BRASIL, Ministério da Saúde. **CNES: Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/>, acessado em 01/02/2011.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Projeto RADAMBRASIL. Rio de Janeiro, 1982. 544p.

CABRAL, Crisley Dayane de Oliveira ; CARNIELLO, M. A. . Formas de Uso Medicinal da aroeira *Myracrodum urundeuira* FR. ALL., em Porto Limão, Cáceres - MT.. In: **IV Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal.**, 2004, Corumbá - MS. **IV Simpósio Sobre Recursos Naturais e Sócio-Econômicos do Pantanal.**, 2004.

CAMPOS, P.A.; GUARIM NETO. G. Plantas medicinais do cerrado: Velame-*Macrosiphonia velame* (A. ST.-HIL.) M. ARG.(APOCYNACEAE). In: **FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

CAPRA, F. **Teia da vida** : uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996.

CASTRO, Edna. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais . In: DIEGUES, A. C.(Org). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. São Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec, 2000.

CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 248 p.

DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **IDH - Índice de Desenvolvimento** . <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em 20/09/2012.

DIEGUES, A.C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C.(Org). **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. 2 ed. Sao Paulo/ Rio de Janeiro: Hucitec, 2000.

FAUSTINO, E.M; CAMPOS,M.C.C. **Tradição, Cultura e Fé guiado por uma Estrela.Várzea Grande**: Editora Lenice,2010.

FERREIRA,M.S.F.D. **Lugar, recurso e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São Carlos: UFSCAR, São Paulo- SP. 178 p. 2010.

FERREIRA , M.S.F.D; SILVA, C.J da . Baía Chocororé- lugar para a educação ambiental. In: SILVA, C.J. da; SIMONI, J. **Água, biodiversidade e cultura do Pantanal** (Orgs). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2012.

FERREIRA, L.C. Sustentabilidade: uma abordagem histórica da sustentabilidade. In: FERRARO JUNIOR, I.A.(Org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília : MMA, 358 p.2005

FERREIRA, J. C. V. **Mato Grosso e seus municípios. Cuiabá**: Secretaria de Estado da Cultura, 1997.

FIGUEIREDO, Daniela Maimoni de; SALOMÃO, Fernando Ximenes de Tavares (Org.). **Bacia do Rio Cuiabá: uma abordagem socioambiental**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. 216 p.

FRAXE, T.J.P. **Cultura cabocla-ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade**. São Paulo:Annablume, 2004.

FUNDAÇÃO JÚLIO CAMPOS. **Municípios de Mato Grosso – Várzea Grande**. Projeto Memória Viva. 46 p. 1991.

GALIAZZI, M. do C.; FREITAS, J. V. de (Orgs) .**Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Ed.Unijuí,2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. 3.ed. São Paulo,Cortez, 2005.

GOMES,C. R. G.; VASCONCELOS,M.F. E. Estudo etnoornitológico no município de Corumbá,Mato Grosso do Sul, Brasil. **Atualidades Ornitológicas** On-line N° 158 - Novembro/Dezembro 2010.

GUARIM NETO, G.;MACEDO, M. Utilização de vegetais na medicina tradicional. I. *Serjania erecta* **FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica**. Cuiabá: EdUFMT,2010.

GUARIM NETO, G. O saber tradicional pantaneiro: as plantas medicinais e a educação ambiental. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** v.17, julho a dezembro de 2006.

GUARIM NETO, G. ; GUARIM, V. L. M. S. ; MACEDO, M. ; NASCIMENTO, N. P. O. . Flora, vegetação e etnobotânica: conservação de recursos vegetais no pantanal. **Gaia Scientia**, v. 2, p. 41-46, 2008.

GUARIM NETO, G. ; GUARIM,V.L.M.S. Cenários do pantanal da fronteira Brasil-Bolívia: um olhar para os indicadores de Educação Ambiental. **Gaia Scientia**, v. 2, p. 25-28, 2008 .

GUARIM NETO, G. ; MACIEL, M. R. A. **O saber local e os recursos vegetais em Juruena, Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT: Entrelinhas, 2008.

**Medicinais do Estado do Mato Grosso**. Brasília. *ABEAS, UFMT*. 72p. 1996.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V.L.M.S.; MACEDO, M.; NASCIMENTO, N.P. Recursos Vegetais no Pantanal e Conservação. In: GUARIM NETO, Germano; CARVALHO, João Victor França (Org.). **Biodiversidade mato-grossense: as plantas e suas potencialidades**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011. 152 p.

GUARIM NETO, G.; MACEDO, M. Utilização de vegetais na medicina tradicional\ I. Serjana erecta RADLK. (CINCO-FOLHAS). **FLOVET: boletim do grupo de pesquisas da flora, vegetação e etnobotânica**. Cuiabá: EdUFMT,2009

GUARIM NETO, Germano; CARVALHO, João Victor França (Org.). **Biodiversidade mato-grossense: as plantas e suas potencialidades**. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2011. 152 p.

GUARIM, V.L.M.S. Sustentabilidade ambiental em comunidades ribeirinhas tradicionais. In: III Simpósio sobre Recursos Naturais e Sócio-econômicos do Pantanal. 2000, Corumbá. **Anais eletrônicos ... Corumbá : EMBRAPA Pantanal** , 2000. Disponível em, [ttp://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Socio/GUARIM-072.pdf](http://www.cpap.embrapa.br/agencia/congresso/Socio/GUARIM-072.pdf)> Acesso em: 20 de ago.2011

GUARIM, Vera Lúcia Monteiro dos Santos. **Barranco Alto: uma experiência em educação ambiental**. Cuiabá: EdUFMT, 2002. 134

IBGE. **Cidades: Várzea Grande-MT: População 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 24/07/2012.

INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB**. Disponível em <http://sistemasideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em 20/09/2012.

JANUÁRIO, E.R. da . **As vidas do ribeirinho: história, meio ambiente e cotidiano da comunidade ribeirinha de São Gonçalo, Cuiabá, Mato Grosso**.Cáceres: Editora UNEMAT, 2006.

JORGE, S. S. A. 2001. **O saber medicinal ribeirinho:comunidades de Poço e Praia do Poço, Santo Antônio de Leverger - Mato Grosso**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá.

LORENZI, Harri; SOUZA, Hermes Moreira de. **Plantas ornamentais no Brasil:** arbustivas, herbáceas e trepadeiras. 3. ed. Nova Odessa (SP): Plantarum, 2001. 1088

LORENZI, H.; MATOS, F. J. de A.. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** Instituto Plantarum de Estudos da Flora 2002 ed.. 512 p.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MALINOWSKI, B. Objeto, método e alcance desta pesquisa. In: GUIMARÃES, A.Z.(Org.). **Desvendando Máscaras Sociais.** 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1990.

MARCATTO, C. **Educação ambiental:** conceitos e princípios . Belo Horizonte: FEAM, 2002.

MARQUES, L.M ; CARNIELLO, M.A.; GUARIM NETO, G. A percepção ambiental como papel fundamental na realização de pesquisa em Educação Ambiental. **Travessias**, v.4 ,p.337-349 ,2010.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** *Educ. Pesqui.* São Paulo, v. 30, n. 2, ago. 2004.

MATEUS, L.A.F; FERREIRA, J.M. A atividade pesqueira e a dinâmica das populações de peixes. In: FIGUEIREDO, Daniela Maimoni de; SALOMÃO, Fernando Ximenes de Tavares (Org.). **Bacia do Rio Cuiabá:** uma abordagem socioambiental. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. 216 p.

MINAYO, M.C.S. 1994. **O desafio do conhecimento.** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, HUCITEC; ABRASCO.

MONTEIRO, Ubaldo. **Varzea Grande- presente e passado - confrontos - 1867-1987.** Cuiabá, 1987. 229 p.

PASA, M.C. E GUARIM NETO, G. **Plantas medicinais no Vale do Aricá, município de Cuiabá, estado de Mato Grosso, Brasil.** *Biodiversidade*, v. 1, p. 10-27, 2005.

PASA, M.C. **Etnobiologia de uma Comunidade Ribeirinha no Alto da Bacia do Rio Aricá Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.** Tese de Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais. São Carlos-SP. UFSCar. 174p. 2004.

PELICIONI, M. C. F. Fundamentos da Educação Ambiental . In: PHILIPPI JUNIOR, A.; ROMÉRO, M. de A.; BRUNA, G. C. (Ed.). **Curso de gestão ambiental.** São Paulo: Manole, 2004.

PEREIRA, I. C. ; GUARIM NETO, G. **Educação ambiental no parque florestal de Sinop/ Mato Grosso.** Cuiabá: EdUFMT, 2009.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. **IDH - Índice de Desenvolvimento Humano.** Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/index.php>. Acesso em 06/06/2012.

PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Garantir a sustentabilidade ambiental. **Objetivo de Desenvolvimento do Milênio (ODM)**. Disponível em: <http://www.objetivosdomilenio.org.br/meioambiente/>. Acesso em 12/12/2012.

PHILLIPS, O. & Gentry, A.H. The useful plants of Tambopata, Peru. I. Statistical hypotheses with a new quantitative technique. **Economic Botany** 47(1): 33-43. 1993.

PHILLIPS, O.L. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: M.N. Alexiades (ed.). **Selected Guidelines for Ethnobotanical Research: a field manual**. New York, New York Botanical Garden. 1996.

PRIMACK, R.B; RODRIGUES, E. **Biologia da conservação**. Londrina: E. Rodrigues, 2001

RADAMBRASIL. 1982. **Levantamento de Recursos Naturais**. Folha SD 21, Cuiabá. v.26. Brasília, MME/ SG.

REIGOTA. M. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REIS, M.F.C.T. Pesquisa-ação: compartilhando saberes; pesquisa e ação educativa ambiental. In: **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília : MMA, 358 p. 2005

ROMIO, A.C.L. Qualidade da água do rio Cuiabá no 1º semestre de 1995. 'IN: FERREIRA, Maria Saleti Dias (Org.). **O rio Cuiabá como subsídio para a educação ambiental**. Cuiabá: EDUFMT, 1999. 162 p.

ROUÉ, Marie. Novas perspectivas em etnoecologia : “saberes tradicionais” e gestão dos recursos naturais. In: CASTRO, Edna e PITON, Florence (Orgs.). **Faces do Tropicó Úmido. Conceitos e Questões Sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Belém (PA): Editora Cejup. 1997.

SANTOS SILVA, R. ; CARNIELLO, M. A. . O Uso Medicinal da Família Loranthaceae pela População da Cidade de Cáceres-MT.. In: XVII **Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil.**, 2002, Cuiabá-MT. XVII Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil, 2002.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Carolina Joana da; SILVA, Joana A. Fernandes. **No ritmo das águas do Pantanal**. São Paulo/ Rio de Janeiro, 1995.

SILVA, V.C.S. Imagem e delineamento história da pesca: Saberes e práticas dos ribeirinhos. In: FIGUEIREDO, Daniela Maimoni de; SALOMÃO, Fernando Ximenes de Tavares (Org.). **Bacia do Rio Cuiabá: uma abordagem socioambiental**. Cuiabá: Entrelinhas, 2009. 216 p.

SOUZA, L. F. **Levantamento etnobotânico na localidade de São Gonçalo, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil**. Monografia de Graduação. Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá. 1992.

SOUZA, L.F.; GUARIM NETO, G. Plantas Ornamentais e Místicas I- um estudo etnobotânico em comunidades ribeirinhas, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

**FLOVET: Boletim do Grupo de Pesquisas da Flora, Vegetação e Etnobotânica.** Cuiabá: EdUFMT,2010.

SOUZA, Vinicius Castro; LORENZI, Harri. **Botânica sistemática:** guia ilustrado para identificação das famílias de angiospermas da flora brasileira, baseado em APG II. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2005. 640 p

TAVARES, J.W. **Várzea Grande: história e tradição.** Cuiabá: KCM Editora, 2011. 158p.

THIAGO, F.; JANUÁRIO, E. **A Comunidade Quilombola do Cedro:** etnobotânica e educação ambiental. Cáceres: Editora UNEMAT, 2011.

VALENTINI, Carla Maria Abido; COELHO, Maria de Fátima Barbosa; ORTIZ, Carmen Eugenia Rodríguez and ALMEIDA, Juliane Dias de. Uso e conservação da negramina (*Siparuna guianensis* Aubl.) em Bom Sucesso, Várzea Grande-MT. **Interações (Campo Grande)** [online]. 2009, vol.10, n.2, pp. 195-206.

VÁRZEA GRANDE .Lei Complementar N °3.356/2009. Abairramento do município de Várzea Grande, SEPLAN, Várzea Grande-MT:2009

VIANA,I; GALDINO, Y.;MORAIS, R.; DA SILVA, C.J. Uma abordagem etnobiológica da comunidade Cuiabá Mirim, entorno do Sistema de Baías Chacororé- Sinhá Mariana. In: SILVA, C.J. da; SIMONI, J. **Água, biodiversidade e cultura do Pantanal** (Orgs). Cáceres: Ed. UNEMAT, 2012.

VIERTLER, R.B. Contribuições da Antropologia para a pesquisa em Etnobiologia. In: Kubo,R.R. (Org.). **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia.** Volume 3. 1ªed. Recife, PE.284p. 2006.

VIERTLER, R.B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia. In: AMOROZO,M.C. de M.;MING, L.C.;SILVA,S.P.(Ed.) **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas:** Anais. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002,p.11-29.

## APÊNDICE

APÊNDICE A – Percepção ambiental da Menina Bianca, 6 anos.....	120
APÊNDICE B – .Francielly de 5 anos representa como enxerga a natureza.....	121

## APÊNDICE- A



APÉNDICE- B



Stroncielly

